



Universidade Federal de Viçosa

VICTOR DE ARAÚJO

CORAL VOIX-LÀ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE IDENTIDADE GRUPAL

VIÇOSA - MINAS GERAIS

JULHO/2018

VICTOR DE ARAÚJO

CORAL VOIX-LÀ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE IDENTIDADE GRUPAL

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, como exigência da disciplina CIS 483 –Trabalho de Conclusão de Curso II e como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Mansur da Silva

VIÇOSA - MINAS GERAIS

JULHO/2018

Trabalho de Conclusão de Curso Intitulado

CORAL VOIX-LÀ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE IDENTIDADE GRUPAL

Elaborado por

Victor de Araújo

como exigência da Disciplina CIS 483 –Trabalho de Conclusão de Curso e como requisito para conclusão do curso de Ciências Sociais, foi aprovada por todos os membros da Banca Examinadora.

Viçosa, ____ de _____ de 2018.

Prof. Dr. Douglas Mansur da Silva – (DCS/UFV)
Orientador

Prof. Dr. Guillermo Vega Sanabria – (DCS/UFV)

M.^a Lívia Rabelo – (Minter/UFV/PPGAS-UFRJ)

Nota _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, meu companheiro nas horas de solidão e de reflexão. Por mais que agora eu tenha dúvidas sobre quem ou o que é Deus, o Universo, Jesus ou quem seja, durante grande parte da minha graduação seu ser foi meu refúgio nas horas de choro.

À minha família, agradeço por me deixar voar e ser livre. Claramente, me ensinou inúmeras coisas, foi exemplo do que fazer e do que não fazer. Ajudou-me nos momentos de aperto financeiro e nas horas de definir os rumos da minha vida. Agradeço, em especial, meu irmão David e minha cunhada Ana Paula, dois exemplos de vida que carrego comigo. À minha mãe, agradeço pelo caráter ensinado e pelo esforço diante das dificuldades da vida em me educar.

Faço, também, menção aos meus professores, que estiveram o tempo todo compartilhando seus conhecimentos comigo e ensinando o ofício da minha profissão. Em especial, agradeço meu orientador de iniciação científica, Guillermo, por me fazer enxergar a educação com outros olhos. Agradeço, também, a Marcelo, que me ajudou no começo da minha monografia e a meu atual orientador, Douglas, que topou o desafio de me auxiliar apesar do aperto da vida acadêmica, pegando a pesquisa já ao meio.

Aos meus colegas de curso, dou louvores, caminhamos juntos o quanto pudemos e seguimos rumo ao futuro com boas lembranças.

Agradeço a Sr. Vicente e Ana Maria por me mostrarem que existe luz no mundo e pessoas boas para a gente aprender mais sobre a vida e sobre ser um bom ser humano.

Meus amigos mais chegados eu os carrego na alma. São tanto nomes a serem citados, que é melhor não fazer. Basta agradecer às famílias 218 e 2022 por nunca me deixarem só e proporcionarem os melhores momentos da minha vida. Aos verdadeiros amigos que fiz no curso, para lá de colegas, sou imensamente grato ao auxílio nos trabalhos, compartilhando os aprendizados para as provas e apresentações de seminário.

Por fim, agradeço à família Voix-là por me ajudar em um dos momentos mais difíceis da minha graduação e, claro, por ter me rendido esta monografia que faço com amor.

Resumo

O Coral Voix-là foi fundado em 2006 e registrado como projeto de extensão em 2011. É um ambiente que se mostra peculiar, na medida em que apresenta uma organização interna diferenciada, com liderança compartilhada e caráter de respeito às diferenças, bem como representações sobre prazer e união grupal. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar a noção de pertencimento, sentimento de grupo e o aspecto de sociabilidade dos integrantes do Coral, a partir de sua história e de sua organização interna, bem como pela forma de relacionamento dos seus membros. Encontramos a especificidade da história da criação do coral, depois sua institucionalização e sua transformação na organização interna, grandes responsáveis pelas características atuais do coral. Percebemos como os discursos sobre o pertencimento são importantes à identidade coletiva, como os coralistas que entram não desejam sair e como a sociabilidade é compartilhada pelo grupo e tem seu ápice na performance e nas relações cotidianos formais e informais dos coral. Concluimos o papel social da música, sua importância dentro do grupo e como o espaço do coral é importante para seus membros na vivência do ambiente universitário que às vezes pode ser maçante.

Palavras-chave: Coral Voix-là, Identidade Grupal, Sociabilidade, Antropologia da Música, Antropologia da Performance.

Abstract

The Coral Voix-là was founded in 2006 and registered as an extension project in 2011. It is a peculiar environment because presents a differentiated internal organization, with shared leadership and respect for differences, as well as representations about pleasure and group union. Therefore, the objective of this work is to analyze the notion of belonging, group feeling and the sociability aspect of the members of the Choir, based on their history and internal organization, as well as the relationship form of their members. We find the specificity of the Choir creation story, then its institutionalization and its transformation into the internal organization, largely responsible for the choir's current characteristics. We perceive how discourses about belonging are important to collective identity, how incoming choirs do not wish to leave, and how sociability is shared by the group, and has its apex in formal and informal daily choral performance and relationships. We conclude the social role of music, its importance within the group and how coral space is important for its members in the experience of the university environment that can sometimes be weary.

Key words: Coral Voix-là, Group Identity, Sociability, Music Anthropology, Performance Anthropology.

Lista de Siglas

DCS – Departamento de Ciências Sociais

DLA – Departamento de Letras

FIC – Festival Internacional de Corais

MIDI – Musical Instrument Digital Interface

RAEX – Registro de Atividade de Extensão

UFV – Universidade Federal de Viçosa

Sumário

1- Introdução.....	9
2- Da Metodologia ao Campo.....	13
2.1- Do Planejado ao Cumprido.....	13
2.2- O Roteiro.....	14
2.3- O Campo.....	15
3- A Teoria por Detrás.....	17
3.1- A formação de Grupos em Simmel: Sociação e Sociabilidade.....	17
3.2- Sobre o Interacionismo Simbólico.....	19
3.3- Formação de Identidade.....	20
3.4- Estado da Arte.....	21
3.5- O que é a Música?.....	23
4- Discussão dos Resultados.....	25
4.1- Uma História Inusitada: O começo do Voix-là.....	25
4.2- Da Organização Interna ao Pertencimento.....	30
4.3- Da Continuidade do Grupo: Rotatividade e Permanência.....	38
4.4- O grupo, a Diversidade, a União, a Identidade: O Pertencer.....	42
4.5- Música para Falar do Mundo, Performance para Falar de Mim.....	53
4.6- Um Nativo Científico a Campo: Notas Sobre Estar Afetado.....	61
5- Conclusões.....	67
6- Referenciais Teóricos.....	72
7- Anexos.....	74

1- Introdução

O Coral Voix-là é um projeto de extensão do Departamento de Letras (DLA), da Universidade Federal de Viçosa (UFV), que surgiu em 2006 com o objetivo do aprendizado e aproximação de discentes com a língua francesa¹. Atualmente, o Coral abrange uma grande variedade de cursos, com estudantes de diversos períodos da graduação, possuindo, também, pós-graduandos e pessoas já no mercado de trabalho, vindos de fora da Universidade. O Voix-lá, enquanto projeto de extensão, registrado em 2011², tem um caráter diferenciado, na medida em que não cumpre com algumas formalidades, como a apresentação de um relatório final após um breve período de atividades. Outro aspecto é o caráter de remuneração, uma vez que os participantes recebem bolsa alimentação na forma de créditos da carteirinha estudantil.

Partindo da discussão de Mariza Peirano (2014, p. 389) de que “a emergência de novas pesquisas, sendo uma constante, deve nos levar a uma igualmente constante recomposição da antropologia, de quem somos, e do mundo como o entendemos”, pode-se esboçar os motivos pelos quais fluiu a ideia de pesquisa sobre o Coral Voix-là. Vale ressaltar que não foi encontrada nenhuma pesquisa realizada na UFV sobre o coral, de modo que esta pesquisa é pioneira em analisar o projeto.

Foram, basicamente, 6 meses de participação do pesquisador no coral, antes da ideia de pesquisa, e logo foi possível perceber o funcionamento diferenciado do Voix-là. Isso é possível de entender a partir da contribuição de Peirano (2014, p. 379) sobre a prática etnográfica:

[...] fica claro que a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos. (PEIRANO, 2014, p. 379)

Em primeiro lugar, a regência interina é de responsabilidade de um aluno da graduação que participa a algum tempo do coral e foi sendo treinado para que pudesse reger. Segundo, existem mais coralistas em treinamento para poder assumir a regência.

¹ Quando da criação do coral, o nome foi pensado como um jogo com duas palavras do francês que têm pronúncia igual, porém grafias e significados diferentes. Assim, Voilà e Voix-là são essas palavras. Voilà significa eis, aqui está e Voix-là significa voz/vozes aqui.

² Segundo o Registro de Atividades de Extensão (RAEX), disponível online: http://www.raex.ufv.br/raex/scripts/consultaPublica.php?consultar=1#menu_topo.

Terceiro, o regente permanente, formado e capacitado para lidar com corais, vem apenas algumas vezes ao longo do semestre para afinar as músicas sendo treinadas e dar forma às apresentações semestrais que são feitas.

Existem alunos que estão há alguns anos no coral e mesmo após se formarem continuam. Os que estão há mais tempo, geralmente têm um cargo nas comissões que organizam o projeto (financeiro, eventos, divulgação e etc...). Os mais novos destinam-se a treinar as músicas e acompanhar o restante do coral (há exceções à regra). Existem também os responsáveis pelos naipes, dois de cada. Sua função é exercer uma liderança compartilhada, descentrando do regente excessos de responsabilidade e repartindo entre os coralistas, que são livres para fazer cobranças entre si. Assim, tem-se um aspecto de liderança compartilhada e uma essência de horizontalidade permanente.

Fora essa parte organizacional, é interessante notar como a interação que se dá entre os membros é única e respeitosa. Todos conseguem se entender e autogerir. Permeia as falas de pertencimento ao coral a ideia de “família Voix-là”. Sem exceção, até agora, todos se orgulham de fazer parte do coral e fazem questão de serem identificados como pertencentes. O que mais chamou atenção nesse processo foi o quesito geracional, ou seja, como os novos coralistas, após pouco tempo, têm as mesmas considerações a respeito do projeto, a mesma ideia de pertencimento e identidade coletiva comum.³

Postos esses pontos, é instigante saber de onde vem tudo isso. Quando, na história do coral, criado em 2006, essa identidade começou a se formar, quando os alunos assumem os postos que têm agora, como cada integrante antigo chegou onde está e como sua noção de pertencimento começa guiar as novas gerações que chegam, mesmo diante da rotatividade existente. Outra coisa que instiga é essa rotatividade e como ela vem funcionando. Mais interessante é a análise do pertencimento do pesquisador e de sua inserção no ambiente, como estando de dentro, se é possível distanciar-se e até que ponto. A ideia de prazer envolvida em fazer parte de algo que mexe com sentimento e que ajuda no processo de tratamento da depressão e do estresse (como algumas pessoas já manifestaram), a inserção a um modo de vida e a um grupo social organizado e com identidade marcante, são alguns outros elementos não menos importantes.

³ Outra coisa a acrescentar diz respeito às questões de gênero e sexualidade. O respeito mútuo que existe entre todos, as brincadeiras em torno do tema e a interação que se torna tão íntima e em momento algum desrespeitosa. Ali, cada um pode ser exatamente como é e não será julgado em momento algum.

Deste modo, temos o objetivo neste trabalho de analisar a noção de pertencimento, sentimento de grupo e o aspecto de sociabilidade dos integrantes do Coral, a partir de sua história e de sua organização interna, bem como pela forma de relacionamento dos seus membros. É fundamental a autoanálise do realizador da pesquisa enquanto membro do projeto. Para cumprir esses objetivos, percorremos o seguinte caminho: remontar a história da formação do Coral e dos seus objetivos enquanto projeto de extensão; analisar a organização interna gerida pelos próprios integrantes do projeto; analisar os discursos sobre pertencimentos para compreender como ele é formado; refletir acerca do pertencimento do pesquisador ao Coral; analisar o aspecto de rotatividade do projeto; entender o papel da música e da performance dentro do aspecto da identidade coletiva.

Partindo das discussões de Roberto Da Matta, pode-se entender a importância deste trabalho no âmbito teórico. São basicamente três eixos importantes em sua reflexão sobre o trabalho do etnólogo que encontraremos na pesquisa realizada, a saber, a noção de exótico, a questão emocional e a questão interpretativa.

Em primeiro lugar o exótico. Segundo o autor, ele é a base da Antropologia Social, mas há ainda uma cadeia que começa em distância social, marginalidade e culmina na liminaridade e no estranhamento. Desse modo, “vestir a capa do etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) *transformar o exótico no familiar* e/ou (b) *transformar o familiar no exótico* (DAMATTA, 1978, p. 28, grifos do autor). O trabalho a ser realizado enquadra-se na letra (b), desvincular-se daquilo que já se interiorizou e promover um trabalho emotivo e interpretativo com base no distanciamento.

Em segundo lugar, o emocional. Não é possível entender o lugar do último elemento sem prestar atenção aos detalhes do papel da emotividade no trabalho de campo. O momento de descoberta etnográfica está entre a emoção da chegada e da partida, segundo Da Mata, valendo acrescentar que “no momento mesmo que o intelecto avança – na ocasião da descoberta – as emoções estão igualmente presentes” (DAMATA, 1978, p. 32). Há um duplo movimento na emoção, um de relacionamento no campo com os sujeitos e o do isolamento do etnólogo perante sua descoberta, momento em que só poderá relatar o que descobriu em seu diário de campo e depois em sua etnografia. Essa dualidade, o se relacionar com o outro e consigo mesmo é o caráter emotivo, de liminaridade e que abre caminho para a interpretação.

Em terceiro lugar, a interpretação. Segundo Gilberto Velho (1978, p. 40), “sendo o pesquisador membro da sociedade, coloca-se inevitavelmente a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-lo ou transcende-lo e poder “pôr-se no lugar do outro”. Isso demonstra o caráter de subjetividade e de alteridade, da manifestação da compreensão de não se estar sozinho no mundo, bem como uma postura que entende que existem pontos de vista e diversas interpretações possíveis, de modo que a solução do problema é a construção coletiva junto aos indivíduos e grupos de interesse, bem como um processo de revisão constante do que foi e está sendo produzido. A conclusão de Velho é que “estou consciente de que se trata, no entanto, de uma interpretação e que por mais que tenha procurado reunir dados ‘verdadeiros’ e ‘objetivos’ sobre a vida daquele universo, a minha subjetividade está presente em todo trabalho” (Ibid., p. 43). Ou seja, nas palavras de DaMatta (1978, p. 35), a antropologia é “uma ciência interpretativa, destinada antes de tudo a confrontar subjetividades e delas tratar.”

Tendo como base a ressignificação teórico-empírica, há de se verificar também a análise do processo de socialização descrito por Simmel (2006), tendo como foco a análise da sociabilidade dentro do grupo em questão.

Para além das questões colocadas como motivação e da possibilidade teórico-reflexiva descrita, este trabalho justifica-se na medida em que analisa um ambiente inserido em espaço universitário, acadêmico, porém, não ligado à sala de aula e à atividades de origem puramente intelectual ou de pesquisa. O espaço é de formação de grupo e de identidade, de diversidade e possibilidade de manutenção de um *status quo*, uma identidade diferente no mero estudante universitário ligado às disciplinas, pesquisa ou preso ao universo de seu próprio departamento.

A partir daqui, o trabalho tem mais três capítulos e a conclusão. O capítulo 2 trata das metodologias empregadas na pesquisa e traça uma breve discussão sobre a preparação e a ida a campo. O capítulo 3 discorre sobre as teorias. Por sua vez, o capítulo 4 analisa os resultados em diálogo com os objetivos específicos acima detalhados. Por fim, temos as conclusões a que chegamos com a pesquisa.

2- Da Metodologia ao Campo

2.1- Do Planejado ao Cumprido

Partindo do entendimento de que a metodologia serve para alcançar os objetivos propostos para a pesquisa a ser executada e vinculada ao seu projeto, cabe não somente as descrever, mas explicar a pertinência da metodologia e de cada método em sua relação com os objetivos e a produção de conhecimento. A pesquisa em questão é um estudo de caso e possui caráter exploratório:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2002, p. 41)

De posse desta definição e do caráter da pesquisa, usar diversas metodologias poderia resultar em um estudo mais completo e coerente com os objetivos propostos. Assim, foram usados os seguintes métodos: análise documental, observação participante e entrevista.

Tivemos contato com o projeto apresentado à UFV para ter esclarecidos os objetivos do Coral e toda uma série de questões que envolvam seu planejamento inicial. Esta parte da pesquisa é altamente importante, tomando por base a afirmação de Lakatos e Marconi (2003, p. 174):

Toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas. Esse material-fonte geral é útil não só por trazer conhecimentos que servem de back-ground ao campo de interesse, como também para evitar possíveis duplicações e/ou esforços desnecessários; pode, ainda, sugerir problemas e hipóteses e orientar para outras fontes de coleta. (LAKATOS; MARCONI, 2013, p. 174)

A observação participante pode-se dizer já vinha sendo realizada desde a entrada do pesquisador no projeto, sendo importante sua continuidade para entender as noções de pertencimento, sociabilidade e identidade, uma vez que “a observação revela-se certamente nosso privilegiado modo de contato com o real: é observando que nos situamos, orientamos nossos deslocamentos, reconhecemos as pessoas, emitimos juízos sobre elas” (LAVILLE; DIONE, 1999, p.176). Três momentos específicos foram analisados: o ensaio e tudo que ele envolve; as reuniões das comissões; a apresentação semestral realizada pelo coral.

Junto com a observação participante, a entrevista é um esforço de se conhecer os discursos e de retomar a história de formação do Voix-là. A partir dela pôde-se alcançar mais claramente os aspectos individuais do pertencimento grupal e das motivações individuais de participação do projeto, pois, para Malinowski (1978, p. 34), ouvir “[...] os pontos de vista, as opiniões, as palavras dos nativos [...]” é registrar o espírito da cultura que se estuda.

A pesquisa foi executada com todos os integrantes do coral, devido à observação participante, porém, no caso da entrevista foi feita uma seleção de membros levando em consideração tempo de participação no projeto. Realizamos, ainda, entrevistas com um ex-coralista que mantém vínculo com a UFV, com uma integrante da primeira formação do coral (que entrou novamente em 2017) e com a responsável inicial do projeto. Para as entrevistas foi utilizado roteiro pré-estruturado de perguntas.

Utilizamos o diário de campo⁴ para o registro da observação participante (já em execução a partir de 15/09/2017 e finalizado em 12/05/2018). Para as entrevistas utilizamos gravador e cadernos de anotações, de acordo com as permissões dos entrevistados. Dessa forma, as gravações foram transcritas para a posterior análise. A análise, estritamente qualitativa, buscou comparar percepções, a fim de achar tanto pontos de entrecruzamento de percepções como pontos de afastamento, levando em consideração as próprias percepções do pesquisador, que é integrante do Coral, para posterior análise de seu lugar dentro da pesquisa.

2.2- O Roteiro

O fio condutor do processo de tentar entender a identidade do coral está em buscar nas entrevistas as representações sobre ele. Ou seja, o que está no imaginário dos integrantes quando confrontados com as perguntas do roteiro? Como isso se liga à observação participante? Como as pessoas se colocam em relação aos acontecimentos comuns do coral? Quais opiniões elas têm do coral? Quais são suas experiências? Seus sentimentos? Como elas veem os outros e todo o grupo, as apresentações? Coletando essas informações é possível captar o que seria o ideal do imaginário, a série de elementos para formar o todo que buscamos, o pertencimento, a identidade.

Com base nesses pressupostos o roteiro de entrevistas foi elaborado e deixado em caráter semiestruturado, para que se pudesse, ao longo das entrevistas ir captando e

⁴ Principalmente o celular, pela facilidade de fazer notas durante os ensaios. Utilizou-se caderno apenas em alguns ensaios em que o pesquisador decidiu apenas observar e não participar do ensaio.

aprofundando as percepções, ir lidando com a memória e as representações associadas quando do momento de fazer as perguntas.

O roteiro foi dividido em alguns eixos. O primeiro deles, com as perguntas de 1 a 5, buscava ativar a memória do interlocutor. Sendo assim, perguntava-se sobre como se ouviu falar do coral, como foi a audição, as percepções iniciais sobre o coral. Tudo isso já tentando buscar representações sobre o grupo. O segundo eixo dizia respeito à organização do coral, com o intuito de entender as transformações ocorridas e como os novos integrantes a percebiam do momento de entrada até a entrevista. Vale dizer que o segundo eixo não se dissociava do primeiro, dependia e o complementava. O terceiro eixo, sobre o quesito rotatividade, vinha na sequência das perguntas sobre organização, fazendo a transição para o quarto eixo, que trabalhava as questões mais emotivas em participar do coral, começando pelas apresentações, indo em direção às representações sobre o que é coral e o que ele significava para os integrantes, terminando no motivo de permanência no grupo. O último eixo dizia respeito ao que as pessoas comentavam sobre o coral, terminando com o papel da música na vida dos interlocutores, bem como as dificuldades enfrentadas para permanecer no coral. Esse eixo foi deixado para o final para tentar entender o papel geral da música no pertencer de cada um ao coral e para que a entrevista terminasse do modo mais agradável possível.

2.3- O Campo

O campo pode ser dividido em dois momentos distintos. A observação participante, que assume o pressuposto de ocorrência desde a entrada do pesquisador no coral, e as entrevistas, ocorridas durante o mês de março de 2018.

Começamos pela observação participante. A sua função não está tão colocada nas análises realizadas durante o resultado final do trabalho. Ela está, pois, ligada à fase de escrita do projeto, momento de perceber as nuances do que poderia ser produtivo analisar, as especificidades do grupo que se poderia explorar e intimamente ligada à confecção do roteiro de entrevistas. Assim, serão poucas as vezes que a observação participante será usada no capítulo de análises, pois esse se foca, sobretudo nas entrevistas. Porém, sua influência nas conclusões deste trabalho são extremamente consideráveis. Há, ainda, a função de discussão que permeia o objetivo do trabalho que é a posição do pesquisador como membro do coral, com seu capítulo específico.

As entrevistas foram realizadas, em sua maioria na UFV, sendo que apenas uma foi realizada na casa de uma colaboradora. A maioria se deu na Livraria da UFV, além de uma

na Biblioteca Central, uma no Departamento de Letras, uma no Departamento de Ciências Sociais (DCS) e uma na casa 12 da Vila Giannetti, local usual dos ensaios do coral. Foram no total 10 entrevistas, que tiveram duração variada, tendo, em média 40 minutos, sendo que a menor teve 19 minutos e a maior, 93 minutos. Além dessas entrevistas, foi enviado um roteiro à fundadora do coral, que enviou um texto explicando a história inicial do coral. Infelizmente ela não terminou de responder o roteiro. Não foi possível o contato face a face por ela morar em outra cidade.

A maior dificuldade se deu em como proceder durante a realização das perguntas, que tom usar, se comentários eram bem vindos, se seria melhor conduzir a entrevista em tom de conversa e como deixar o colaborador confortável. Assim, para marcar a entrevista, optou-se para que não fosse o pesquisador que escolhesse o horário e local, mas os interlocutores da pesquisa que indicassem o local onde se sentiriam bem. A Livraria foi um local excelente, pela sua localização dentro da UFV, a possibilidade de se entreter com um café e de poder se sentar e ter uma conversa em um ambiente agradável.

Durante as entrevistas, existiram algumas interrupções, mas nada que atrapalhasse seu andamento. Foram ou pessoas cumprimentando, quando se estava na Livraria, troca de sala no departamento de Letras por causa de aulas, e, a mais inusitada, chuva quando da entrevista na casa 12. O interessante é que nada disso atrapalhou a fluidez das entrevistas, a grande dificuldade foi lidar com as personalidades, ou seja, o pesquisador conseguir criar um clima confortável com os entrevistados e conseguir gerir de forma confortável todo o processo. A preocupação com o bem estar dos colaboradores foi constante, sendo que as avaliações ao fim das entrevistas sobre o conforto de cada um foi bastante positiva. Isso muito se deve ao que se verá nas análises do trabalho, a forma de interação entre os membros do coral.

3- A Teoria por Detrás

3.1- A Formação de Grupos em Simmel: Sociação e Sociabilidade

Simmel (2006) apresenta uma discussão fundante na área da Sociologia, a saber, sobre como se formam grupos ou, como ele define, “sociedades”. Aqui, é importante explicar essa noção e como ela está ligada à concepção de indivíduo do autor. Para ele, o indivíduo “apresenta-se necessariamente como uma composição de qualidades, destinos, forças e desdobramentos históricos específicos” (SIMMEL, 2006, p. 13); e a “sociedade significa a interação psíquica entre os indivíduos” (Ibid., p. 15).

Nessa passagem entre a definição de indivíduo e sociedade faz-se necessário explicitar os pontos que Simmel usa para estabelecer a relação entre ambos. Para o autor, a sociedade é um conceito usado para definir um acontecer, assim, ela “é certamente um conceito abstrato, mas cada um dos incontáveis agrupamentos e configurações englobados em tal conceito é um objeto a ser investigado e digno de ser pesquisado, e de maneira alguma podem ser constituídos pela particularidade das formas individuais de existência”. (p. 11) O indivíduo não será o fim último a ser pesquisado, mas é peça fundante uma vez que sua ação voluntária, a partir dos elementos colocados acima, é importante para entender outro aspecto teórico e metodológico do autor, a saber as noções de sociação e sociabilidade. Essas noções são as que explicam bem as funções do indivíduo na formação de grupos. Dessa forma, vale acrescentar: “os laços de associação entre os homens são incessantemente feitos e desfeitos, para que então sejam refeitos, constituindo uma fluidez e uma pulsação que atam os indivíduos mesmo quando não atingem a forma de verdadeiras organizações” (Ibid., p.17).

Das assertivas acima, podemos, agora, desenvolver um raciocínio que torne mais claro o que o autor propõe. Começemos afirmando que as especificidades dos indivíduos existem e que são importantes na constituição das suas relações, porém, quando se tem em mente o estudo de grupos, é necessário buscar os fundamentos do grupo, as especificidades desse grupo e os que os indivíduos carregam em comum. Para ele, a sociedade não é a mera soma dos indivíduos e nem os indivíduos são apenas reflexos da sociedade. Dessa maneira, os indivíduos têm vontades e desejos, pensam e conseguem atingir objetivos e a sociedade é reflexo histórico de escolhas e grupos formados, bem como os indivíduos também são reflexo desse processo histórico. Nesse ponto vale refletir acerca das concepções do autor sobre o novo e o velho e depois definir sociação e sociabilidade.

A reflexão acerca de como prefiguram o novo e o velho parte do princípio da semelhança e da diferença, ou seja, aquilo que é antigo possui mais força, é mais simples e consolidado. O antigo ocupa lugar central no grupo e na sua manutenção, é aquilo que foi transmitido ao indivíduo e que tem valor. Tomando por base o novo, prefigura a individualidade e sensibilidade pela diferença. O novo tem base na complexidade, no aprimoramento e nos talentos individuais, revela, portanto, desprendimento do cotidiano (Ibid, p. 43-44).

Esses dois elementos são, portanto, importantes para a manutenção ou a criação de novos grupos. Isso ocorre pela identificação, justamente, na semelhança entre a semelhança e na semelhança entre a diferença: “Desse modo, a história da cultura da humanidade dever ser apreendida pura e simplesmente como a história da luta e das tentativas de conciliação entre esses dois princípios” (Ibid, p. 45).

Agora, para entender os conceitos de sociação e sociabilidade é importante passar por dois outros conceitos anteriores. Dessa maneira, Simmel (2006, p. 59-60) afirma que:

...é possível diferenciar em cada sociedade, forma e conteúdo; a própria sociedade, em geral, significa a interação entre indivíduos. Essa interação surge a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades[...] Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente, uma “sociedade”. (SIMMEL, 2006, p.59-60)

Mais especificamente, *conteúdo* e *matéria* são “tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda a realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico nos indivíduos” (Ibid., p. 60) e isso engendra um efeito dual entre esses indivíduos, causa e efeito da ação de um sobre o outro. Dessa forma, sociação é a forma como os indivíduos “se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam” (Ibid., p. 60). A conclusão última dessa concepção é que esses interesses “formam a base da sociedade humana” (Ibid., p. 61).

A sociação é um estado anterior ao da sociabilidade e não necessariamente culmina nela. Quando culmina em sociabilidade existe a formação de laços afetivos, as relações adquirem vida própria, autonomia. Para além das finalidades e objetivos citados que engendram a sociação, os *conteúdos*, a sociabilidade existe pela *forma*, ou seja, pelo sentimento de satisfação de formar uma sociedade. Essa relação constituída tende ao lado simbólico e retira do indivíduo o peso de sua personalidade e o que une os indivíduos são

as características mais simples e comuns entre eles (Ibid, p. 64-65). Portanto, o que interessa na sociabilidade não é a *matéria* da sociação, o puro jogo de interesses e satisfações pessoais, mas é a satisfação e alegria do outro, a forma com que a sociação é estabelecida e dá origem à sociabilidade, de modo que a sociação é a própria *forma* (Ibid, p. 69).

O que se pode extrair de toda a conceituação feita acima é como se forma um grupo, como os indivíduos interagem e formam grupos. Primeiro, as necessidades (em grandes sociedades) e objetivos pessoais, os mais variados e de acordo com cada personalidade (quando se pensa em pequenos grupos). Depois, as relações entre os indivíduos, uma suspensão espaço-temporal em que a sociedade se forma e existe, na sociabilidade, um estado de bem estar e realização. Por fim, o indivíduo é desprendido de si mesmo pelo bem do grupo e de seus próprios objetivos ou necessidades particulares e pode alcançar auto realização.

3.2- Sobre o Interacionismo Simbólico

O interacionismo simbólico é uma corrente de pensamento reflexo, oriunda da heterogeneidade da Escola de Chicago e de seus estudiosos. Não é apenas reflexo, mas continuação dessa heterogeneidade e foca-se na análise dos processos de interação, tendo como base a interação de caráter simbólico da ação social entre os indivíduos. Portanto, está centrado numa análise micro das relações sociais e não tem foco em grandes estruturas preceptoras de regras sociais fixas, é, assim, oposta, por exemplo, ao funcionalismo. (JOAS, 1999, p. 130-131).

A corrente filosófica do pragmatismo é muito importante para entender o desenvolvimento do interacionismo simbólico e, portanto, seu significado. “O pragmatismo é uma filosofia da ação” (Ibid, p. 133), portanto, tenta entendê-la criticando o utilitarismo, em questões de ação e consciência. Assim, buscando superar a dualidade cartesiana, formula noções de intencionalidade e sociabilidade pautados “na ideia de ação autorregulada. A teoria pragmática da ordem social é, pois, orientada pela concepção de controle social no sentido de autor regulação e solução de problemas coletivos.” (Ibid, p. 133) Terminada a crítica à filosofia cartesiana, que focava no indivíduo autônomo o encontro da verdade, o pragmatismo foca na busca coletiva da verdade, de modo que “é a ação que determina quais os estímulos relevantes dentro do contexto definido pela própria ação.” (Ibid, p. 135) O que está em questão é a relação sujeito-objeto da ação, bem como a

relação cognição-realidade e o modo como a inteligência e a criatividade entram em cena nas situações de grupo e na vida cotidiana, em que surgem inúmeros problemas e situação e o indivíduo precisa racionalmente escolher caminhos e solucionar situações, bem como buscar fundamentos para cada ação.

Ao falar sobre o pragmatismo, convém ligá-lo ao que Simmel discute dentro do processo de sociação e sociabilidade. Se o problema central é o da ação e da consciência (Ibid, p. 133), então a intencionalidade e a racionalidade estão juntas, de modo que ação autorregulada tem o mesmo princípio da forma que Simmel descreve, ou seja, indivíduos com objetivos comuns que se juntam e começam a exercer influência mútua através da ação. Por fim, nesse modelo o que garante a continuidade do grupo e da ação é o autocontrole da ação, um esquema cognitivo de ato e consequência que garante diálogo e pensamento para o futuro do grupo. Assim, o estudo das micro relações é parecido com o estudo da sociabilidade em Simmel, sendo que as concepções sobre o interacionismo simbólico auxiliam as análises do conceito simmeliano.

3.3- Formação de Identidade

A identidade que se busca aqui entender se refere a grupos específicos, a corais. O primeiro ponto que ajuda a formar a identidade de um coral é seu próprio nome e a história que o envolve, pois ele é um ponto inicial de referência e identificação do grupo pelos integrantes e pelos espectadores. Um nome diz muito sobre a proposta do coral, sobre sua cultura interna e seus princípios (MALUF et al., 2009, p. 200).

O coral é um lugar de encontro entre diversas pessoas, é lugar “de vida e produção de subjetividade” (Ibid, p. 201), nele são reforçados aspectos criativos e tecidos espaços de acesso à cultura. Os encontros proveem cenas inusitadas, “com fraturas ocasionadas pela cidade invisível, pelos sujeitos invisíveis que a habitam” (Ibid, p. 201).

Outro elemento é o repertório do grupo, que pode ser entendido com complementar ao encontro, enquanto processo de composição, ou seja, dá cara ao grupo, a partir de suas possibilidades, que são visualizadas pelo regente (Ibid, p. 202).

Para além desses eixos, existe outro aspecto que diz respeito à personalização das relações. Em primeiro lugar, os momentos anteriores e posteriores aos ensaios permitem trocas de experiência e criação de laços afetivos, bem como identificações musicais e pessoais. Em segundo, a linguagem musical, que permite organização ao grupo, qualidade

sonora, movimento corporal e, por fim, aprimora o grupo individual e coletivamente, criando sua sonoridade (Ibid, p. 203).

Postos todos esse elementos, agora é possível entender onde essa identidade criada se solidifica: na performance. O potencial de grupo durante a performance “favorece a criação de vínculos afetivos entre os participantes e acentua redes de sociabilidade” (HIKIJ, 2005, p. 163). O contato com o outro, tanto colegas quanto plateia, transforma o performer:

Ela torna visíveis atores e instituições. É palco de um amplo jogo de espelhos, lugar de exibição de identidade e construção de autoimagens. É espaço de transformação. É concebida como auge do processo pedagógico, locus de exibição do que foi aprendido, ensaiado, incorporado (HIKIJ, 2005, p. 158).

3.4- Estado da Arte

Inicialmente a Antropologia preocupava-se em estudar as manifestações artísticas em termos rituais e sociais, uma arte primitiva e sem características próprias. Isso revela uma visão etnocêntrica da arte, que a entende como algo estritamente ocidental. Por sua vez, pensar a arte dessa forma fez com que não se tivesse a preocupação de entendê-la enquanto variedade de formas de pensamento e de ser e estar no mundo e de sentir (MACHADO, 1998, p. 80).

O estudo da arte e de sua manifestação deve ser contextualizado com seu espaço de produção. Fica, portanto, difícil trabalhar com um conceito fixo de arte, uma vez que ela está ligada a inúmeros aspectos simbólicos, ideológicos e estéticos específicos. Machado (1998, p. 81) afirma:

[...] o antropólogo não pode fazer um permanente trabalho de definição, de delimitação, de classificação das atividades artísticas. Assim, toda a definição antropológica de arte, deve ser suficientemente ampla, permitindo uma comparação transcultural, tendo em conta as especificidades e as concepções particulares de arte em determinados microcosmos. A arte só se entende como forma de conduta humana, tendo em conta essas concepções, tal como são entendidas pelo grupo que as sustenta, pelo que é impossível entender a arte através de definições enciclopédicas, demasiado académicas, com limites estanques, na medida em que esta é múltipla e tem vários enfoques possíveis de estudar. (MACHADO, 1998, p.81)

A essa percepção emoldurada e fixa da arte que a antropologia, se reinventando, veio desconstruir, está aliada a concepção de estética. Essa concepção está ligada a um caráter altamente estático e incompleto do interpretar a arte, ela não capta a rede de símbolos e nem a ação do ser humano no mundo e a relação entre objeto de arte e ação. Ao

agir dessa forma, desconsidera-se uma característica bastante específica da arte, “ela tem vida própria. A relação com outras esferas da vida social, portanto, é um dos primeiros passos de investigação” (ALVES, 2008, p. 331). Assim, pode-se considerar a arte um sistema de ação (Ibid, p. 316), com subjetividade e vida própria, com intenções e significados próprios, e, por isso, com uma linguagem específica e única em cada representação que pode assumir, desde a mais concretas como artefatos à mais abstrata como a música. A partir disso, pode-se verificar que o produtor da arte é alguém em movimento duplo, é o ator e o espectador da produção (Ibid, p. 333), concluindo a capacidade e a finalidade da obra que realiza. Essa intencionalidade é o ser em si do objeto de arte em questão.

A respeito da definição de arte, Geertz (2007, p. 142) afirma que “a arte parece existir em um mundo próprio, que o discurso não pode alcançar. [...] Poderíamos dizer que a arte fala por si mesma: um poema não pode significar e sim ser, e ninguém poderá nos dar uma resposta exata se quiser saber o que é o jazz”. A linguagem artística utiliza, portanto, a matéria da vida, as relações sociais, as tradições e, inclusive, contracultura para que possa existir. A partir deste momento ela torna-se um ser no mundo e sua interpretação varia a partir das percepções dos indivíduos, sendo diversa e enigmática. Por mais que se torne autônoma, que se liberte de seu criador, ela liga-se à dinâmica da vida e tira dela apenas aquilo que lhe serve (SIMMEL, 2006, p. 62-63).

Sobre objetos artísticos e sua colocação, apenas a título de exemplificação do que se argumenta, Lagrou (2003, p. 103), ao refletir sobre cultura ameríndia na Amazônia e o uso de artefatos em rituais, afirma que:

A lição metodológica tirada desta constatação é a de que é impossível isolar a forma do sentido, assim como é impossível isolar ação do sentido. O sentido muda conforme o contexto no qual o objeto se insere. E os contextos podem mudar de forma radical, como acontece quando objetos e artefatos entram no circuito comercial interétnico, quando se tornam emblemas de identidade étnica, peças de museus ou “obras de arte”. (LAGROU, 2003, p. 103)

Não apenas os artefatos são arte e manifestação cultural, porém, a música é, também, um elemento central e pode também ser entendida dentro das relações sociais e formas de ação. Muitas vezes é ela quem explica o ritual, a forma de pensar de um grupo ou o papel de algum objeto dentro de um ritual. Nesse ponto vale retomar a reflexão de Lagrou (Ibid, p. 103), ela afirma, ao analisar um rito de passagem, em que um banco tinha papel central, que “a letra do canto mostra a maneira pela qual o banco sofre um processo

de produção, decoração e, posteriormente, maturação, paralelo ao corpo dos meninos e meninas prestes a ingressarem na categoria de jovens”.

Voltando a Geertz (2006, p. 165), “uma teoria da arte, portanto, é do mesmo tempo, uma teoria da cultura e não um empreendimento autônomo”. Assim, estudar arte é estudar cultura, contextos particulares e o subsumo da vida do artista, uma vez que, como afirmado anteriormente, a sua matéria é a própria vida. É necessário, portanto, considerar a arte como forma de pensamento e buscar as origens do poder que ela obtém nos contextos culturais (Ibid, p. 181). É importante também entender a intencionalidade do objeto da arte, seja qual for e o público alvo, pois sem essa substância é impossível entender a cultura da arte em questão e seu significado social. Isso é importante porque o artista ao criar tem seu público, ele utiliza símbolos e significados manifestos em sua vivência e nos seus valores e sentimentos (Ibid, p. 178). Ou seja, “a variedade da expressão artística é resultado da variedade de concepções que os seres humanos têm sobre como são e funcionam as coisas. Na realidade, são uma única variedade” (Ibid, p. 181).

3.5- O que é a Música?

Segundo Anthony Seeger (2008, p. 20), “música é muita coisa além de som”. Diante dessa perspectiva, a reflexão acerca do que é a música e seu papel na sociedade se torna importante na medida de refletir e dar indicativos não exatamente do que ela é, porém, estudar para que serve. A serventia da música ditará, portanto, seu papel, ou mesmo o que ela é em cada contexto distinto, em cada ritmo, em cada ritual e, também, em cada grupo. Assumindo essa perspectiva, Bruno Nettl (2008, p. 30) está correto ao afirmar a necessidade de entender “a relação com a cultura em que é produzida e que ela própria, a música, ajuda a produzir”. Portanto, nada mais justo que dizer “que música é um dos processos sociais através dos quais as pessoas criam e participam em relações sociais de diversos tipos. A música é, assim, um recurso social que, em certos momentos, vai ser utilizado junto a outros recursos sociais” (SEEGER, 2008, p. 20).

A música pode então se tornar meio para a produção de relações sociais ou, ainda, pode ser a finalidade de um grupo que se forma. Essa relação pode concorrer em uma dialética importante, retomando o ponto de Nettl, de produto/produtora de cultura, de identidade e de relações sociais muito característica dos usos sociais da música. Dessa maneira, música é “sobre a vida social humana - não unicamente sobre sons” (Ibid, p. 21).

Entender o lugar da música na vida cotidiana consiste em analisar “os comportamentos psíquicos, verbais, simbólicos e sociais” (PINTO, 2001, p. 226) ligados a ela, uma vez que música “não é entendida apenas a partir de seus elementos estéticos mas, em primeiro lugar, como uma forma de comunicação que possui, semelhante a qualquer tipo de linguagem, seus próprios códigos” (Ibid, p. 223).

Postas as considerações iniciais acima, existem alguns elementos sobre música que precisam ser colocados. Memória e identidade são esses elementos, e não são indissociáveis.

O que constrói identidade é a prática musical, pois, ao redor delas se formam grupos e comunidades. O caráter público dessas práticas é um alicerce dessa identidade e da alteridade existentes (CAMBRIA, 2008, p. 67). O ponto chave desse processo é a performance. A etnografia da performance, permite enxergar a música “enquanto processo de significação social, capaz de gerar estruturas que vão além de seus aspectos meramente sonoros” (PINTO, 2001, p. 227).

A memória está completamente ligada à música, pois, é através da memória que se tem acesso à substância musical que interpenetra o corpo, tanto através da técnica, ou seja, da realização, como através da recepção. Vincenzo Cambria (2008, p. 77) afirma que a música se inscreve nos corpos, porque não pode se inscrever nas paredes como as pinturas e desenhos que inscreviam memórias em cavernas. Música se torna, em suas palavras, “a mais abstrata das artes”, pois, “falar de música não é realizá-la. Falar de música é uma possibilidade de abstratamente fazê-la aparecer” (Ibid, p. 79).

Música, assim, como a sociedade para Simmel descrita anteriormente, é um acontecer no tempo e no espaço. Ela envolve indivíduos e grupos em torno de uma identidade, ou de identidades, e permite com que aspectos da vida sejam lidos e entendidos, bem como produz inúmeros elementos em torno da realidade, e uma realidade própria. Portanto, estudar música é estudar grupos musicais e estudar grupos musicais depende de música e de performance.

4- Discussão dos Resultados

4.1- Uma História Inusitada: O Começo do Voix-là

“O Voix-là deve sua criação, de certa forma, a essa distância que eu percorria duas vezes por semana, para ir e para voltar...” (RAÍSSA, FUNDADORA).

O excerto acima se refere à fala da fundadora do Coral Voix-là, residente, na época, em Ouro Preto-MG. Segundo ela conta, fazia, toda semana, o trajeto entre Viçosa e Ouro Preto, saindo de casa por volta das 9:00 horas da manhã e chegando a Viçosa 14:00 horas ou além disso. Para ela, fazer o concurso de professora substituta para a UFV era uma decisão difícil, pois como coloca:

Casada, recém-formada em Artes Cênicas e com uma filha de 8 meses, fiquei sabendo de um concurso para professor substituto de língua francesa no Departamento de Letras da UFV por intermédio da Associação de Professores de Francês de Minas Gerais, APFMG. Apesar de acreditar que eu dispunha das competências necessárias ao cargo, não tinha certeza se queria, ou até mesmo se poderia vir a ocupá-lo, pois minha vida pessoal, naquele momento, estava muito ligada a Ouro Preto. No concurso, duas vagas e duas candidatas. Passei. Dúvida cruel... fico, não fico? Fiquei. Dessa decisão vieram grandes amizades e, em especial, o Voix-là. (RAÍSSA, FUNDADORA).

Tomada essa decisão, outras dificuldades viriam, a saber, o voltar, à noite, para Ouro Preto, sendo que as aulas acabam por volta da 22:30 horas e o ônibus saía de Viçosa às 23:59 horas.

Eu tinha um intervalo de uma hora e meia entre o fim das aulas e a saída do ônibus... Durante uns dois meses, eu passei essa hora e meia sentadinha na rodoviária, esperando. Depois, comecei a esperar o Nilson fechar o Departamento, por volta de 23h, já que ele me dava uma carona até a rodoviária. Passei mais um tempo assim, antes do Voix-là. (RAÍSSA, FUNDADORA).

Dentro dessa rotina apertada e cansativa, ainda existiam as disciplinas. Uma delas foi outro grande motivo para que o Voix-là fosse fundado, a necessidade de aprimorar a pronúncia dos alunos frente à gramática:

... pude observar que a gramática não era o que eu mais poderia ajudar em relação àqueles alunos, então, começamos a abordar a cultura. Pedi aos alunos que preparassem um seminário sobre algum elemento da cultura francesa ou francófona e na aula seguinte, cada aluno deveria contar aos outros o tema escolhido, para evitar repetições. Alguns escolheram a comida, outros as artes ou a história, mas um aluno me disse que iria apresentar o [vã] (pronúncia fonética para o que eu escutei ele dizer). O que eu ouvi me fez pensar na palavra “vent” que é vento, e não compreendi de que forma o vento poderia representar um elemento da cultura francesa... Então, ele me explicou (traduzindo) que queria

falar sobre o vinho [vê]... Pronto! A necessidade do Coral estava criada! (RAÍSSA, FUNDADORA).

Até agora, conforme o relato da fundadora, temos dois elementos principais, a rotina, ou seja, a viagem, os horários de ônibus, as horas de espera, e a necessidade dos alunos de treinar sua fonética.

Então, começamos a trabalhar a fonética do francês através do canto coral, e foi onde apareceram pela primeira vez no DLA “Vent Frais” e “Tourdion”, já que era fundamental que os alunos se formassem no curso de Letras-com habilitação licenciatura em língua francesa, sabendo a diferença entre “vento” e “vinho”. O horário que encontramos para o Coral era de 22h30 a 23h, duas vezes por semana, os dias em que eu estava lá. Eu confesso que fiquei positivamente surpresa com o grande número de adesões que tivemos, apesar do horário.

Com relação às duas músicas citadas, elas permanecem no repertório do coral, são, portanto, muito importantes, sendo que todos os coralistas as conhecem. Dessa maneira, a origem do coral é celebrada a toda execução dessas músicas, que passaram por uma complexificação. *Vent frais* agora é cantada em cânone⁵ e com dinâmicas diversas, começando com sons feitos com o corpo e/ou assovios. Já *Tourdion*, agora é cantada com quatro vozes, sendo que inicialmente eram apenas duas.

Nesse percurso de criação, os laços de amizade pesaram bastante. Uma grande amiga de Raíssa, Gracia, que atualmente é a responsável pelo projeto, um certo dia pergunta sobre outra pessoa muito importante na vida de sua amiga, Madalena, como ela conta:

Ainda estudante, eu era monitora da Madalena, então Professora de Francês na UFOP, e corrigia a pronúncia dos alunos em horários extra-classe enquanto Chiquinho era o responsável pelos ensaios musicais. Além dos frutos “coralísticos” daquela experiência, vieram também Aurora e os gêmeos Rufo e Flora, já que Chiquinho e eu acabamos nos casando. Com Madalena eu aprendi o “Vent Frais” e pude repassar a tanta gente! Ela foi especialmente aquele assunto que fez a Gracia me abordar, e nossa amizade começar. (RAÍSSA, FUNDADORA).

Dessa amizade anterior, a de Madalena, tem-se um pano de fundo para a ideia do coral, bem como sua continuidade estava garantida pela amizade entre Raissa e Gracia.

Gracia começou a cantar em nosso coralzinho, que ainda não tinha nome. Ela sempre me esperava para sairmos juntas do DLA. Ela me apresentou o Moreira’s e o Leão, a pizzeria Torres, a Feirinha da Santa Rita no sábado, e tantos outros lugares gostosos e com comidinhas deliciosas! Pronto! Não tinha mais que

⁵ O coral se divide em grupos ou em vozes. Um grupo começa a música, depois de um tempo outro grupo começa a cantar do início enquanto o grupo inicial não para e assim sucessivamente. Dessa forma, cada grupo estará em uma posição na música, produzindo um efeito cascata, ou seja, a mesma parte se repetindo no mesmo número dos grupos formados antes de se começar a música.

esperar na rodoviária. Aliás, acho que estive a ponto de perder o ônibus em algumas ocasiões. (RAÍSSA, FUNDADORA).

Diante disso, o coral foi uma mudança radical da vida de Raíssa e dos envolvidos com o projeto, os alunos, que tiveram não só a experiência da fonética, como a experiência musical do coral, unindo duas formas diferentes de conhecimento.

Ao final do segundo período de 2005, na verdade já 2006 por causa de uma greve, o coral foi convidado a se apresentar para fechar o semestre. Raíssa cita uma figura que é central para ela, “Christianne Rochebois, coordenadora do CELIF e grande incentivadora do Coral desde sempre, a fazer nossa estreia no encerramento do semestre letivo. Nossa! Quanta emoção! Cantar para um público pela primeira vez!”. Diante dessa apresentação, o coral precisava de um nome.

Mas não tínhamos nome, nem uniforme, nem nada... Fizemos uma espécie de eleição do nome uns dias antes, e acho que um espírito de luz me soprou “Voilà” (Eis aqui), ou melhor, “Voix-là” (Voz aqui) – palavras homófonas, já que o som era o que mais importava para nós, e com dois significados muito queridos! Como se quisesse dizer: “Eis aqui a nossa voz!”. (RAÍSSA, FUNDADORA).

Portanto, o nome Voix-là carrega consigo o peso de uma história inusitada e de um grupo de pessoas que estão postos no tempo e no espaço, fazendo menção aos seus elementos fundantes. A vida do Coral Voix-là está, dessa forma, intimamente ligada à vida de quem o idealizou, fez existir e quem o fez continuar, bem como dos integrantes iniciais, estudantes do curso de Letras/Francês. É, portanto, uma história inusitada de prazer e conhecimento, passando pela incerteza e o medo, bem com pelos laços de amizade e companheirismo. Ela também reconhece e se funda nos acontecimentos cotidianos de alguns indivíduos, basicamente três elementos a destacar: rotina, necessidade e amizade.

O Voix-là surge, enquanto ideia, com uma necessidade, um complemento, uma função. Tem um objetivo específico de vida e manutenção. Acaso, rotina, escolhas de vida muito pessoais, gostos em comum e amizade se mesclam entre as suas razões de permanência para além da função.

Dentro desse processo de construção do grupo inicial vale resgatar algumas falas de uma integrante, aluna, dessa primeira formação do Voix-là em 2006 e que retorna no segundo semestre de 2017 para a seletiva, entrando novamente no coral.

Os primeiros integrantes não precisavam passar por seletivas, dessa forma entrava quem quisesse fazer parte. Em um momento da entrevista, vindo de uma sequência de

perguntas sobre a organização, as diferenças entre o coral em 2006 e agora em 2017, e as dificuldades enfrentadas antes e agora, Priscila conta sobre o último aspecto:

Não via [dificuldades], porque, na época, era uma grande brincadeira. Eu não me sentia pressionada igual eu sempre sinto hoje. Que eu sinto falta de conhecimento musical, sinto que a maioria das pessoas que estão hoje no coral sabem ler partitura. Eu não sei ler partitura, por exemplo. [...] Então, na época, não tinha dificuldade porque era muito leve, era uma grande brincadeira, assim, sabe. Raíssa tirava o tom da cabeça, assim, passava para a gente e a gente cantava, sabe. Mas apesar de ser amador, a gente foi ganhando o gosto das pessoas. (PRISCILA, CONTRALTO)

O coral era uma coisa inusitada, diferente, nova e que ganhou não só o gosto dos alunos, dentro dessa grande brincadeira, mas começou a cativar e a ganhar visibilidade e gosto dentro do Departamento de Letras (DLA). Porém, não continuaria para sempre como uma grande brincadeira. Priscila acrescenta ainda como vê o coral agora, em comparação a sua participação em 2006, em relação à cobrança e à seriedade presentes atualmente no coral:

Eu acho que para o coral crescer, essa seriedade, essa cobrança é necessária. Porque, igual eu te falei, na época era uma grande brincadeira, mas se continuasse do jeito que estava, acho que o coral não tinha chegado do jeito que ele está hoje. Então tem que ter essa seriedade de vir, participar dos ensaios, treinar as músicas em casa, coisa que a gente não tinha muito na época, sabe. Eu acho que essa seriedade ela é, foi importante para o coral nesse sentido assim. (PRISCILA, CONTRALTO)

Mais à frente da entrevista, acrescenta, quando perguntada se ela pensava no futuro do coral e em como ele estaria em alguns anos:

Eu, particularmente, eu não pensava em futuro, não. Assim, não achava que o coral fosse crescer do jeito que cresceu, não. Foi uma surpresa, foi muito gostoso voltar para Viçosa e ver que ele tinha crescido dessa forma. Poxa, encher o Fernando Sabino, nunca imaginei que isso fosse acontecer, nunca, nunca. Eu não sei as outras pessoas, mas eu não lembro da gente falar, “nossa, o coral”, no início era uma grande brincadeira. (PRISCILA, CONTRALTO)

Esse marco na “seriedade”, entendida como profissionalização, essa transformação que o coral passou, tem como uma das causas sua transformação em um projeto de extensão. Portanto, passemos a análise do projeto que foi submetido para que isso ocorresse. Não se teve contato com o projeto final, completamente pronto, mas com umas das suas últimas versões⁶. Sendo assim, as análises serão daquilo que se tem em mãos.

Ao se transformar em projeto de extensão, o Coral Voix-là busca a formação extracurricular “articulando arte e cultura, visando o enriquecimento da formação, dentro e

⁶ Diante disso, optou-se por colocar o projeto em anexo, para possíveis conferências, uma vez que não há como citá-lo da forma apropriada pelas normas ABNT.

fora da academia, através de uma vivência além das salas de aula e laboratórios”. Tem também “interesse pela dimensão de uma formação cidadã, focada na inclusão social e no acesso aos direitos sociais e que estimula a formação ética, estética e política dos estudantes e da comunidade que participa dos concertos”. Dessa forma, visa ir além do objetivo inicial de trabalhar a fonética através da música, tendo como porto de partida a cultura, a socialização e a cidadania: “Entendemos o poder da música em tratar tantas questões que levam a uma transformação da mentalidade em vários aspectos tanto pessoais como políticos em uma comunidade”.

O instrumento básico é a música, que “através do canto coral é um poderoso instrumento de socialização, formação artística, estética, cultural e política, já que através da música várias são as mensagens e questões abordadas”. Além disso, visava trabalhar três tipos de benefícios:

- Benefícios físicos: estímulo do raciocínio; favorecimento no aprendizado de línguas, bem como, desenvolvimento dos pulmões; flexibilidade dos órgãos de fonação; aperfeiçoamento do sentido auditivo.
- Benefícios morais: estímulo da formação do caráter e da disciplina do indivíduo, além de contribuir para sua desinibição nas apresentações em público; desenvolvimento do seu senso estético-crítico;
- Benefícios sociais: favorecimento da convivência em grupo, a criação de um senso crítico que contribui com a formação ética, estética e política tanto dos estudantes como das comunidades envolvidas.

Prevalece a ideia da função social da música e da formação de grupos, bem como a força do argumento da influencia do projeto junto à comunidade. O ponto de partida é a complexificação das atividades do coral para produzir efeitos para além da fonética e do aprendizado de línguas diversas. A mais, tem-se o espaço para além da sala de aula, levando o universitário para outra realidade, para outros espaços de socialização e de aprendizado prático. É um processo de visibilidade e influência que quer romper com a vida acadêmica comum de trabalho científico, propiciando outro espaço de aprendizado, a saber, o uso do corpo como instrumento social de transformação por meio de um saber fazer aprendido em grupo para outros grupos. É uma espécie de vida para transformar outra vida, outra realidade social, com outros objetivos e outras formas de ver o mundo. O caráter de aprendizado também é duplo, sendo o aprender da musica e do canto coral para promover aprendizado cultural, artístico e social, com vias aos benefícios citados acima para um grande numero de pessoas.

Para além dos objetivos, a manutenção do grupo agora não depende tanto de relações corriqueiras, do dia a dia, dos laços de amizade e necessidades momentâneas, busca a institucionalização de um ser para transformar constantemente pessoas e grupos. Tem também uma ideia de continuidade com função social mais ampla, buscando recursos e apoio da Universidade. Assim, o resultado precisa ser um tanto mais concreto, visível para um grupo que não é apenas quem forma o coral, mas quem é seu público alvo. Portanto, fica clara a transformação total do que significa o nome Voix-là e ideia que traz consigo, a história por detrás de uma nova roupagem, que modifica sua essência de ser.

4.2- Da Organização Interna ao Pertencimento

Inicialmente, a organização do coral ficava nas mãos de Raíssa, pois ela havia idealizado o coral. Ela trazia as músicas, as partituras, fazia a divisão de vozes e cuidava de todo o coral. Existia enorme centralização em sua pessoa. Como o coral, na época, era ligado à disciplina de Francês VIII, não havia seletivas e entrava quem se interessasse, mas Raíssa detinha o poder decisório maior, a não ser em algumas situações específicas, como nos conta Priscila:

Na época era só ela, ela trazia as músicas. Mas, por exemplo, a ideia do nome foi decidido junto, sabe, tipo assim, ela que trouxe a ideia desse jogo de palavras. Coral Voix-là. E todo mundo gostou, mas, por exemplo, como que a camisa seria feita e isso tudo foi decidido com o coral. (PRISCILA, CONTRALTO).

Note-se que desde o começo a ideia de ouvir o coro em algumas decisões relacionadas ao coletivo era importante, como o caso do nome do grupo e da camisa, pois seriam já parte da identidade do coral, que não estava focada apenas em Raíssa.

Continuando, após terminar o período de dois anos do concurso feito por Raíssa, Gracia, sua amiga, assume a responsabilidade pelo projeto e, com ela, entra Cleber como regente. Essa mudança de responsável pelo projeto ocasionou uma mudança na dinâmica do coral muito importante: “Aí, a gente começou com músicas em francês. Mas aí, logo já no início, a gente cantava uma em latim. Aí, depois veio a Gracia e se interessou pelo projeto. Aí, logo já no início, a Gracia já introduziu músicas em inglês, sabe. Aí virou o coral não mais do francês, mas da Letras” (PRISCILA, CONTRALTO).

A introdução de músicas em inglês e em diversas outras línguas acompanha o coral desde então e fica latente o objetivo de continuar quando da escrita e submissão do projeto para o transformar o coral em algo mais institucional junto à Pró Reitoria de Extensão e Cultura:

Além disto, o coral apresenta canções em vários idiomas (inglês, francês, hebraico, latim, italiano, dialetos africanos e indígenas, espanhol) e utilizará estas canções para despertar nos estudantes de escolas públicas o gosto e conscientizar sobre a necessidade do estudo de línguas estrangeiras em um mundo cada vez mais globalizado.

Na época em que Cleber era regente, no momento das escolhas das músicas, os coralistas podiam indicar músicas, porém, as decisões estavam centralizadas em Gracia e Cleber:

Na decisão das músicas, o Cleber, no início do período, ele pedia quem tinha sugestão de música que era para mandar para ele as partituras que ele ia dar uma olhada. Ele via o nível de dificuldade da música com o coral para ver se dava para fazer. Aí muitas coisas ele aceitava, pegava e decidia muita música também, mas as decisões principais geralmente era ele e a Gracia e alguns coralistas. Às vezes faziam umas votações de algumas coisas, que era mais do grupo assim, mas no mais era ele e a Gracia que decidiam. (SAMUEL, TENOR)

Mesmo com essa centralização, ainda tinha o componente da época de Raíssa sobre algumas decisões mais grupais, não tão relacionadas ao repertório e às apresentações.

Ainda na época de Cleber regente, no segundo semestre de 2009, com o início da concessão de bolsas pelo coral, começa uma participação maior dos alunos com a organização do coral, das partituras e do seu espaço, ou seja, daquilo que de modo geral pertencia ao grupo como um todo:

O coral ganhou seis bolsas só. Aí, eu lembro que eu peguei a primeira. E quem tinha a bolsa, tinha que cumprir uma função no coral. O Cleber que selecionou essas pessoas, mais por frequência mesmo e desenvolvimento no coral. Aí ele distribuiu essa bolsas e cada um ficou com uma função específica, a minha era organizar as partituras da salinha, que aquilo era uma zona. (SAMUEL, TENOR)

Vale ressaltar que essas funções distribuídas em razão da bolsa, que era o direito a alimentação grátis no Restaurante Universitário, serviam mais para a organização interna do coral e não lembram as comissões que sem tem atualmente (as veremos mais à frente), que são ligadas à relação do coral com o externo.

Após algum tempo, Cleber teve que sair do coral. Antes que se chegasse uma época importantíssima para o coral, que um aluno de graduação assume a responsabilidade do coral, temos o seguinte:

Teve três regentes antes. Ele [Cleber] saiu, aí entrou o Rodrigo, que ele nem se dava muito bem ainda. Aí o Rodrigo saiu, teve que sair, aí contratou um cara de Visconde de Rio Branco, se não me engano, eu não lembro o nome dele, pois ficou muito pouco tempo, acho que uns dois meses só. Aí entrou o Arlindo, que ficou um bom tempo, acho que um ano e meio ou dois anos. Aí veio o Vinicius. (SAMUEL, TENOR).

O período de regência de Arlindo, seguido por Vinicius, é muito importante para a organização do coral, refletindo nas suas apresentações, tanto em questão de dinâmica de palco, repertório, entrando nos lugares que elas ocorriam. Existem algumas divergências sobre a percepção de quem cedeu entrevista sobre o quesito de tomada de decisão, quem era ouvido e como se dava o processo, porém, há algumas coisas em comum, principalmente, sobre as transformações ocorridas na época. Vale acrescentar que, inicialmente, Vinicius tinha com ele um rapaz chamado Jhansen, que tinha conhecimento musical, sendo que era um trabalho dos dois em ajuda mútua.

Foquemos agora na maior participação dos coralistas na organização do coral de um modo geral e no auxílio aos regentes, em questão das funções criadas. Em 2013, quando Arlindo estava na regência, Valquíria conta que:

Quando eu cheguei não tinha comissão, não. Na verdade, tinha uma pessoa que era, assim, braço direito do regente, que era a Cíntia. Na verdade, eu acho que ela se prontificou, não sei como ela era com o Rodrigo, porque o primeiro dia do Arlindo foi meu primeiro dia, então eu não sei como era antes. Aí eu entrei, a Cíntia ficou assim mais próxima do regente, pra ajudar, pra auxiliar no que a gente tem, o que a gente não tem, o que a gente sabe, o que a gente não sabe. E tinha uma pessoa que fazia a chamada, só. Não tinha comissão para mais nada, não. Comissão de eventos, não tinha nenhum outro tipo de organização. (VALQUÍRIA, SOPRANO)

Nessa época, já não havia mais a organização interna por causa das bolsas, justamente pela troca de regentes. Como Arlindo era novo na organização, tem-se um caminho a trilhar junto às transformações no coral. Porém, a abertura para tomadas de decisão mais coletivas ainda estava engatinhando. Nesse sentido, Isabela fala sobre a sua percepção quanto a organização:

Quando eu entrei, tinha duas pessoas que eram relativamente bem importantes no coral. Que era a Cíntia Saliba e o Fabio, e eles eram bem antigos, tanto quanto o Hosken e eles, por serem mais antigos, eles tinham uma proximidade maior com a Gracia. E essa proximidade com a Gracia fazia eles terem um contato maior com o Arlindo, com o regente, com as decisões. Então, quando a gente entrou, quem tomava as decisões... o Arlindo ele era um pouco autoritário nesse sentido assim, ele escolhia as músicas e a Gracia sugeria algumas músicas e ele acatava ou não. E era assim, nenhum coralista tinha exatamente voz, quem tinha era a Cíntia e o Fabio, que davam opiniões e sugestões em alguma coisa, mas não era exatamente voz, eles não tinham o poder decisório, o poder decisório ficava sempre na mão do Arlindo e da Gracia. (ISABELA, CONTRALTO)

Nesse caminho, podemos acrescentar a fala de Aléxia, que enfoca a questão dos locais de apresentação e formação de repertório:

Oh, antigamente, decisão a respeito de lugar a gente não tomava muito em conjunto. A gente só já sabia, ah, vai ser no DED, ah, vai ser na floresta. Em

termos de música, geralmente, o poder que a gente tinha era o seguinte, o Arlindo chegava com algumas músicas que ele fazia e a gente ensaiava e, às vezes, acontecia da gente não gostar. Ai ele cortava. “– Eu não vou cantar com um coro que não sente confortável cantando a música”, ai ele cortava. (ALÉXIA, CONTRALTO)

Nessa transição para Arlindo, o coral sai de uma fase de repertório medieval, muito religioso, para adentrar o quesito cultural que tinha como objetivo quando se torna um projeto de extensão do DLA. Além disso, as apresentações começaram a ter temas já no final do período de Arlindo e entrada de Vinícius (o novo regente, que é estudante da UFV).

É... e em termos de decisão de temas, é uma coisa engraçada, que ate um tempo atrás, ate o fim, mais ou menos, da época do Arlindo, indo pro Vinícius, a gente não tinha essa questão de vamos decidir o tema da semestral. Era a gente vai cantar essas músicas, se vira e arranja um tema agora. Tanto que antigamente o tema era, tipo assim, multiculturalismo, porque era uma coisa completamente diferente da outra, sabe. É... então, antes, a gente não tinha muito essa parada de vamos decidir isso antes. Era planejar isso depois. (ALÉXIA, CONTRALTO)

Na questão dos temas, é importante situar como se deu a formação das comissões. Nadja, coloca a existência, na época, da grande influência de Vinícius, Gracia e Cleber (que volta para o coral depois de um tempo, quando Vinícius já estava na regência):

Já é bem democrático, por exemplo, na comissão. Como que formou a comissão? Quando eu entrei, não sei como era antes, foi de 2014 pra cá, é...era mais os três. É, claro que sempre tinha a Preta [Aléxia, Contralto] ajudando, um ou outro ajudando, mas não era aquela coisa formal. Bom, pelo menos eu não enxergava que havia algo formal assim. Aí o Vinicius tá assim: “– Gente, estamos formando a comissão aqui, quem quer ajudar? Porque o coral não sou eu sozinho, vamos distribuir as funções.” Então, eu já levantei a mão e falei eu posso ficar na comissão de eventos, ajudar a escolher o repertório, fazer um roteiro. (NADJA, CONTRALTO)

Com a entrada de Vinícius, enquanto aluno, há uma mudança substantiva na tomada de decisões e o coro começa a participar mais, tanto que é o período em que se formam as comissões que organizam os eventos, escolhem repertório, escolhem o tema das apresentações, tomam conta da página do coral no Facebook e organizam a questão financeira.

que hoje o coral você tem abertura pra dar opinião, enquanto antigamente não tinha, o Arlindo não aceitava opinião, por ele ser formado em música ele ter conhecimento de música, a nossa voz não era ouvida, enquanto com o Vinicius a nossa voz é ouvida, por mais que não seja acatada, ela é ouvida. (ISABELA, CONTRALTO)

Ai, na do Vinicius, é... na época que ele entrou já começou, no final da Arlindo até que os meninos começaram a ajudar, a tocar sozinhos. Já começou a ser uma questão do coro ajudar a decidir antes. Que que acontecia? Antes de o semestre começar, o pessoal falava: “– A gente tá decidindo as músicas, manda sugestões

aí que a gente vai ver se rola ou não rola e no início do período a gente apresenta pra vocês o que vai rolar.” (ALÉXIA, CONTRALTO)

A influência das comissões é colocada por Isabela:

E aí foi quando as coisas começaram a ficar um pouco melhores, porque aí o Vinicius, ele, por ser gente como a gente, ele tinha umas vontades, ele ouvia a opinião da gente. E aí, só que aquela coisa, também não pode virar bagunça, não pode todo mundo ficar dando pitaco, e aí foi quando começou a surgir as comissões, pessoas que ajudavam. (ISABELA, CONTRALTO)

As comissões surgem porque, apesar da abertura maior para o coro, não poderia haver excesso de discussões e nunca se chegar a lugar nenhum. Assim, como bem coloca Samuel: “Eu acho que deu uma melhoria muito boa essa organização das comissões. Isso foi um ganho para o coral muito grande assim, que agilizou muito coisa.” Ele acrescenta mais à frente na entrevista: “E são menos gentes para tomar decisões, assim. Quando junta muita gente para tomar uma decisão nunca sai nada. E com a comissão, são três ou quatro pessoas, decide aquilo, pronto, é aquilo. Agiliza muita coisa” (SAMUEL, TENOR).

Ainda na questão das decisões, com relação à divergência das entrevistas, há um ponto a acrescentar. O fragmento abaixo corrobora que as comissões ajudaram bastante o coral, porém, a percepção sobre como Arlindo tomava decisões é um pouco diferente:

Eu acho que melhorou definitivamente, porque era muito bagunçado, né. O Arlindo, ele tentava ouvir todo mundo, ele sempre antes de tomar uma decisão ele perguntava, quando a gente tinha esse tipo de discussão durante o ensaio, mas por outro lado, isso ficava muito bagunçado, sabe. Muita gente querendo falar ao mesmo tempo, muita gente dando opinião. E hoje, assim, a galera sabe o que está acontecendo, mas é uma coisa organizada, e não pesa para ninguém porque é tudo dividido. E eu acho que a organização, por exemplo, essas reuniões, a comissão de eventos, eu acho que o que torna mais fácil é que é mais perto da apresentação, né, mas, as responsabilidades do dia a dia, eu vejo que não funcionam tão bem, porque eu acho que fica apertado. Por exemplo, a gente tinha separado uma pessoa para imprimir partitura, você acha que funciona bem? Sempre sobra para os regentes, sempre sobra porque alguém não faz. Às vezes, assim, coisas do dia a dia eu acho mais difícil. Mas é uma organização, assim, que funciona. (VALQUÍRIA, SOPRANO)

Um quesito interessante é que, mesmo com essa abertura, havia ainda uma hierarquia na tomada de decisões. Apesar das mudanças ocasionadas, quando da volta de Cleber para o Voix-là, existe mais um pouco de abertura:

E, quanto a organização, é... eu vi que tinha muita influência da Gracia, do Cléber e do Vinicius. Era sempre aquela hierarquia, né, esse tripé, que comandava e organizava as coisas e a gente só cantava as músicas e fazia parte. Essa foi a minha primeira semestral. Na segunda semestral que eu participei, eu já cheguei e perguntei o Vinicius se a gente podia mudar um pouco, vamos fazer assim e assado e, aí, nisso, eu já senti uma abertura em pode contribuir um pouco mais. Então quer dizer, que entendi que aquela hierarquia ali, ela era praticamente fixa até chegar alguém e falar: “– Ou , vamos fazer assim?” E eles

aceitaram. Tanto que eu estou na comissão até hoje e, de certa forma, é até um pouco flexível. O Cleber também é bem aberto a ideias e sugestões. (NADJA, CONTRALTO)

Pode-se perceber que a organização do coral passa por uma melhora, mas ainda existem coisas que podem mudar, que podem melhorar, na concepção dos interlocutores. O principal ponto é uma organização prévia das apresentações e de dinâmicas de músicas, bem como da formação do coral no palco.

Porque o Vinícius, por ele ser estudante da graduação, a gente entende que ele faz tudo que ele pode pelo coral, mas nem sempre ele tem o tempo pra fazer o que, realmente, a gente acha que precisa, porque a gente precisa de uma organização maior e uma organização prévia, uma coisa que vem de antes. (ISABELA, CONTRALTO)

E a gente sofre, porque, assim, o problema, voltando à organização, é isso: todas as semestrais, em cima da hora, 2, 3 dias antes sempre tem muita mudança desnecessária. Mudança de dinâmica, mudança de música, mudança de muita coisa, que, tipo assim, acaba atrasando e a gente sempre erra alguma coisa lá na hora. Que a gente está acostumado a fazer uma coisa, aí chega: “– Ah, vamos mudar agora.” Porque não pensou nisso antes? Sempre tem. Esse é um problema sério, mudar as coisas em cima da hora. (NADJA, CONTRALTO)

Na fala de Valkíria, que entra no coral em 2016, podemos notar que a abertura do coral ainda é um processo: “A gente sempre quis dar sugestão, mas naquela época eles eram mais fechados para isso. Sempre foram os três, a Gracinha sempre foi a Gracinha que não aceita nada, mas eles eram bem mais fechados para isso do que eles são agora.”(VALKÍRIA, SOPRANO). O excerto corrobora a centralidade de Gracia, Cleber e Vinicius, porém, mostra que de 2016 para frente a abertura que começa em 2013 ainda está em construção.

Um ponto que fica claro é que ainda há pouca abertura para os coralistas na escolha do tema das apresentações: “No máximo, dentro daquele tema a gente tenta adicionar uma música ou outra, né. Do período que eu estou aqui, a gente ainda... não teve ainda, do tipo, vamos escolher o tema juntos.” (NADJA, CONTRALTO). Apesar disso, segundo Filipe (Baixo), que entrou no coral no segundo semestre de 2017, o Voix-là tem um funcionamento muito mais aberto que o Coral da UFV, do qual ele fez parte durante longo tempo. Para ele, as decisões do Coral da UFV eram completamente centradas no regente, sendo que algumas opiniões, críticas construtivas por parte do coro, ele não tinha certeza se eram levadas em consideração. Assim, relata:

Agora, no Voix-là não. O Voix-là a opinião de todo mundo é levada em consideração. Eu achei bem estranho, não estranho, eu achei bem legal, na verdade. Porque eu entrei, eu estava em um dos primeiros ensaios ainda, tipo assim, eu calourasso lá, eu comecei falar uma coisa, as pessoas olharam para

mim e ouviram realmente o que eu tinha a dizer. E algumas concordaram e levaram isso para frente. [...] E eu acho que no Voix-là tem muito disso, é bem democrático, a opinião de todo mundo é ouvida, é levada em consideração, depois analisa se isso vai ser uma coisa para melhor ou para pior, mas eu tenho a impressão de que todo mundo é ouvido lá. (FILIPE, BAIXO)

Pensando, agora, no quesito coisas da organização atual, continuando na esteira da organização prévia, nota-se, como demonstram as entrevistas, algo geral relacionado à marcação de datas, de agenda e de ensaios com antecedência para a organização dos integrantes do coro. Thiago (Tenor) diz que gosta da rotinha de ensaios, pois é uma coisa organizada e sempre esperada, que ele gosta do funcionamento do coral nesse aspecto, apesar de apontar que o coro poderia ter mais responsabilidade com os horários de ensaio, não chegar atrasado e não faltar aos ensaios. Porém, mesmo estando no coral apenas desde o segundo semestre de 2017, afirma:

Eu gosto disso, mas eu acho que podia ser mais organizado em pontos específicos, por exemplo, é deixar marcadas as datas com muita antecedência para não dar confusão de horário que nem está tendo agora ou, por exemplo, eu achei legal que o Cleber já mandou os dias que ele pode vir, então, assim, o pessoal já se programa para isso, não marca nada nesses dias. Não foi em cima da hora, tipo, o cara está vindo aí... aí não posso ir porque marquei uma coisa. Não. Foi marcado com antecedência. Eu gosto desse.. é... desse jeito de lidar com a organização, sabe. Mas acho que podia melhorar em alguns pontos específicos, como eu disse. (THIAGO, TENOR)

Mas o que mudou com a organização do coral, com essa abertura, com a criação das comissões? Um relato pode ajudar a entender.

Hoje, eu tenho a impressão de que o coral chegou ao nível que ele chegou por causa dessa divisão, dessa seriedade, da organização. Você vê que cada naipe tem um responsável. Que, quando a gente está saindo dos trilhos, as meninas vêm conversar, os meninos, acredito que com vocês, vêm conversar. Então eu acredito... eu estou satisfeita com a organização, eu acho que a gente poderia ajudar mais nas escolhas das músicas, mas eu entendo também que o grupo é muito grande para sempre colocar. Mas eles sempre aceitam sugestões que a gente manda com partitura e tudo. Para mim, eu acho que... eu gosto dessa divisão, eu acho que funciona bem assim. (PRISCILA, CONTRALTO)

Com a organização da semestral⁷ com temas, com músicas amarradas e que faziam sentido ao público, tudo isso ocasionado pela divisão de poderes decisórios dos regentes, que agora aceitam muito mais ajuda dos coralistas e ouvem bem mais suas ideias, surge uma ideia muito importante apontada por Aléxia (Contralto): “Ai foi uma questão da gente também ter essa ideia de realmente a gente é dono da apresentação, a gente organiza tudo, é coisa mais recente também.” Acompanhado disso: “Então, deu para sentir

⁷ Semestral é a forma como o grupo se refere às apresentações feitas ao final de cada semestre letivo da Universidade. As apresentações ocorrem semestralmente devido à proposta descrita no projeto submetido para que o coral se tornasse projeto de extensão.

completamente a melhora que foi das nossas apresentações, depois que começou a ter essa responsabilidade compartilhada do que é entregar uma semestral para o público” (ALÉXIA, CONTRALTO).

Agora, a preocupação com o coral e com o público entram em cena, surge uma noção de pertencimento ao grupo muito maior com essa abertura, com essa divisão de tarefas. As transformações na organização interna e no contato com o público, com o produto que é apresentado mexem com a responsabilidade coletiva e com o desejo de entrega de resultados adequados na apresentação. Mas o elo mais forte é que tudo é compartilhado e, mesmo quem entra depois, ou seja, é mais novo no coral, consegue captar essa ideia de entregar uma boa apresentação, com tema, com músicas amarradas, com um bom cenário, uma verdadeira performance. Obviamente que nem todos os integrantes sentem da mesma forma essa responsabilidade, sendo, também, um ponto a melhorar e que vai de encontro a fala de Thiago acima. Vejamos:

Eu acho que foi que eu falei antes, a questão da organização previa, eu acho que as coisas poderiam ser organizadas melhor no começo, que as pessoas fossem mais organizadas desde o começo, as pessoas que entrassem elas tivessem essa responsabilidade com o coral, igual o coral tem responsabilidade com as pessoas. (ISABELA, CONTRALTO)

Portanto, a melhoria da organização do coral permite que se defina melhor sua identidade em termos musicais, de apresentação, de repertório, de participação. Um exemplo, colhido durante a observação participante, no ensaio da reapresentação da peça “If Ye Love Me”, em que Cleber, enquanto regente, tentando mudar a formação de palco e modificá-la com relação à da apresentação original, ouviu atentamente cada uma das sugestões colocadas pelos coralistas e construiu, junto com o coro, as formações para a apresentação. Assim, a identidade visual da apresentação, no quesito formatação do coro no palco, foi uma construção coletiva, bem como muitas nuances do coral, do repertório, da ornamentação do palco também o são.

Foram, portanto, as pessoas que entraram no coral que o mudaram. A identidade foi construída por uma revolução, uma transformação de antigos modos, a partir de uma nova geração de coralistas. Foi processo que começa por volta de 2013, segundo pode-se perceber das entrevistas. O que não exclui que o coral está mudando o tempo todo e passa para outra fase. Essa mudança se intensifica durante as transições dos regentes, trazendo cada vez mais novidades e organização interna, grande responsável pelas escolhas musicais, de temas, de performance e dinâmicas de ensaio e do gerir a rotina do coral.

Acrescente-se a isso as comissões e as pessoas do coral que se envolvem diretamente com essa organização e essas decisões. Porém, há um ponto importante, o coral tem que aceitar essas decisões e se entregar às músicas e apresentações e a essa dinâmica. Nesse fato, contribui a receptividade, o acolhimento, o caráter de diversidade do coral, o modo de ser das pessoas durante os ensaios, a parte mais emotiva das relações humanas.

Essas transformações foram possíveis pelos sentimentos envolvidos, pelo gostar de música, pelo querer inovar, pelo querer melhorar o grupo que se faz parte. Mas não foram apenas as transições de regentes e de ideias, foi também a aceitação por parte de quem estava já no coral e de quem entrou dessas mudanças que foram ocorrendo. Aceitação, também, por parte da liderança, de modo que foi uma construção grupal e coletiva, tendo, por isso, tanta força. Foram coisas que, tendo bom sentido aos olhos de todos, foram sendo construídas e continuam ainda hoje. Durante a observação participante foi possível perceber a preocupação com a técnica, com o canto, com a responsabilidade de todos, sim, mas, principalmente, com o nome a zelar. Esse nome advém, justamente, dessa história construída, da dificuldade de se chegar à visibilidade atual do coral. Sendo assim, na visão do grupo, não se pode retroceder, tem-se que avançar com o coral para frente, para a sua melhoria.

4.3- Da Continuidade do Grupo: Rotatividade e Permanência

No quesito rotatividade, buscou-se avaliar como ocorre o fluxo de pessoas dentro do coral, ou seja, se entra ou se sai mais gente e, ainda, quem são as pessoas que permanecem e em que circunstâncias elas saem. Diante disso, a rotatividade do coral é alta, mas existem algumas nuances a captar. A principal é a questão do ficar/continuar no coral, relacionado a assumir a responsabilidade de pertencer ao coral e aderir à sua organização e rotina. Passemos as entrevistas para entender como isso está posto através das falas.

As entrevistas apontam que a rotatividade do coral, no início, quando Raíssa era regente, já era bem acentuada. O processo se dava da seguinte maneira:

Porque eu não lembro exatamente quem ficou, quem saiu. Mas eu lembro que tinha uma mudança constante. [...] Mas é... tinha uma transição constante. Tipo assim, porque que eu estou te dando essa informação? Porque eu lembro, por exemplo, que a gente fazia a camisa. Aí a pessoa pegava a camisa, participava de uma, duas, três e depois ia embora. Não tinha essa seriedade, por exemplo, de presença, não tinha lista de chamada para ver quem estava vindo, quem não estava vindo. Era bem mesmo... não tinha essa organização que tem hoje, de jeito algum. Não tinha esse controle de quem não estava participando, quem pegou a camisa e não veio mais, entendeu? (PRISCILA, CONTRALTO)

Continuando, Samuel, no coral desde 2009, diz que:

Nossa, tem uma rotatividade gigante no coral. Eu fico pegando vídeos antigos do coral, assim, e tem gente que eu nem lembrava mais: “– Nossa, nem lembrava mais dessa pessoa.” Porque é muita gente que entra e sai, entra e sai. Gente que aqui da UFV que agora esta fazendo o mestrado ou o doutorado que eu conheço, que eu falo assim: “– Nossa, esse cara era do coral, nem lembrava mais disso.” (SAMUEL, TENOR)

Com essas informações, vemos o quanto que sempre existiu, no coral, essa passagem de pessoas. Mas isso não significa que não haja permanência. Passemos por algumas nuances:

Oh, minha visão desses últimos cinco anos. Quando eu entrei, dava pra ver que tinha, sim, uma galera que já estava ali muito tempo e que, inclusive, formaria estando no coral. Que, entretanto, como o coral não era essa vibe amistosa que a gente tem, as vezes a gente não sentia tanto quando a pessoa saía. Às vezes, o próprio naipe não sentia. Independente de sair porque formou ou porque decidiu sair. É... tinha gente, que, tipo assim, a gente percebia muito tempo depois, sabe. Era horrível. (ALÉXIA, CONTRALTO)

Hoje em dia, eu acho que a rotatividade do coral é maior. Hoje em dia eu acho que entra muita gente e sai muita gente. Porque quando a gente... quando tem seletiva, as vezes de uma semana que tipo assim, eu fiz a chamada durante muito tempo, e às vezes tinha gente que nem ia. Entrava ia em um ensaio só e já saía. (VALQUÍRIA, SOPRANO)

A fala de Nadja a seguir, em consonância com as acima, demonstra a constância de algumas pessoas no coral, apontando para o movimento de ficar mais gente do que sai, apesar da grande rotatividade:

Eu acho que, com relação a rotatividade, sempre entra muita gente, mas sempre fica ali aquele mínimo de pessoas ali, sempre tem aquele grupinho ali, o Voix-là inicial sempre fica ali. Mas, a quantidade de gente que, eu acho que sempre entra mais gente do que sai. (NADJA, CONTRALTO)

Isso já aponta para o crescimento numérico do coral, acontecido após 2013, segundo a entrevista de Samuel: “Acho que foi quando o Arlindo entrou assim que começou a aumentar o numero de pessoas. Foi o que, o Vinicius entrou em 2013, foi? Foi nessa época que começou a aumentar o numero de pessoas” (SAMUEL, TENOR).

A partir das falas a seguir é possível perceber, primeiro, dois momentos distintos do coral, em relação à quantidade de pessoas e, segundo, o sentimento quando se “tem” que sair do coral.

Tem mais gente entrando. Ai, eu acho, porque o coral aumentou bastante de um tempo para cá. Tinha fase que tinha cinco pessoas em cada naipe, sete pessoas em cada naipe. Hoje às vezes tem 15 ou mais. (VALQUÍRIA, SOPRANO)

Mas, a quantidade de gente que... eu acho que sempre entra mais gente do que sai. Se a pessoa sai do Voix-là, normalmente, ela sai é porque a pessoa ela sai, assim, como um parto: “– Eu não queria ir embora, mas eu tenho que ir.” Só sai se realmente estiver mesmo precisando. Não sai porque, ai, não estou gostando. É difícil. (NADJA, CONTRALTO)

Há ainda um fato interessante de se pensar, a saber, o deixar o coral por algum tempo por várias causas, principalmente acadêmicas, e depois voltar.

Às vezes até pelo curso mesmo. Às vezes tem um período que o pessoal aperta muito, está fazendo algum projeto, alguma coisa e sai e volta. Na época do Ciências sem Fronteiras isso aconteceu. Quase metade do coral foi para o exterior de uma vez. (SAMUEL, TENOR)

Mas também tem essa coisa do ir e voltar. O ir e voltar eu não acho uma coisa tão ruim assim. Porque às vezes a pessoa não pode se dedicar nesse período, porque nesse período eu tenho uma coisa muito importante que: “– Eu não posso estar no coral, mas eu gosto do coral, eu quero continuar.” Então ela não fica nesse período que ela não pode, para não atrapalhar o grupo, de não ter essa responsabilidade, mas ai quando ela sente que tem condições de voltar, ela volta. E o coral dá essa abertura. [...] É um grupo grande, então eu gosto dessa oportunidade de não ser uma coisa definitiva. E saber que as pessoas querem voltar é ótimo, porque mostra que as pessoas não estavam lá por diversão, elas gostam, eles tem um compromisso, então elas querem continuar vivendo aquilo, por mais que elas não possam naquele... (ISABELA, CONTRALTO)

Quem sai do coral, geralmente, é porque não possui mais condições de ficar. Há casos em que as pessoas só saem quando se formam.

A galera não... não sai do coral. Eu vejo que a galera não sai do coral porque não quer mais participar do coral. A galera sai porque ou não tem tempo ou porque foi embora. (VALQUÍRIA, SOPRANO)

Do pessoal que saiu, eu vi que todo mundo saiu doido, saiu porque não estava dando conta de fazer tudo. Fora os que formaram. (VALKÍRIA, SOPRANO)

Que é uma questão também que as vezes a galera sai, mas porque também a UFV cria essa necessidade. [...] que quem saia, saia porque não tinha muito tempo, mas não saia por livre e espontânea vontade. É... exemplo que eu via de gente que saia era a galera que ou estava perto de formar, porque começava ter alguma outras preocupações que as deixavam apertadas e uma outras questões que eu via também, que eu fiquei até um pouco triste, que era do pessoa que fazia qualquer curso que era voltado para a licenciatura, que, quando entrava a parte de estágio, a galera sumia, porque acaba que seu estágio não é aqui dentro da UFV, então as vezes você passa o dia todo lá fora e você não consegue vir para o ensaio. (ALÉXIA, CONTRALTO)

Por fim, chama atenção a noção de responsabilidade de estar no coral e de se preocupar com o coro. Geralmente, as pessoas que ficam assumem a responsabilidade com o Voix-là, com o grupo todo, com os ensaios e criam vínculos fortes.

Eu acho complicadíssimo. A rotatividade é enorme, todo período entra muita gente que às vezes não fica nem o próprio período ou sai no final do período, porque as pessoas elas querem entram em alguma coisa que elas não querem ter responsabilidade. (ISABELA, CONTRALTO)

Então, tipo assim, dava pra sentir que de antigamente para hoje é... a galera saía e simplesmente saía e depois de uns 2015 pra cá quando saía costumava falar: “– Oh, galera, tenho que sair por causa disso e disso e disso, mas quando der eu volto.” [...] E a questão também de, tipo assim, quase uma responsabilidade emocional para com o corpo do coral, sabe. Tipo assim: “– Eu estou saindo, infelizmente não vai dar, mas estou avisando vocês aqui, quando der eu vou nas semestrais e quando der eu vou ai assistir um ensaio.” [...] Então, apesar de antigamente eu perceber que tinha, sim, uma galera, que não era esse entra e sai, não era uma questão que a gente observava tanto. Porque a gente não tinha essa ideia de todo mundo ali é bastante amigo, todo mundo lembra e cuida de todo mundo. Em compensação tinha uma coisa também: que muitos coralistas lá que dava pra ver que estava ali mas não estava. Tipo: ia pouco aos ensaios, aparecia na semestral e tipo assim, tinha música que, se pá, nem tinha ensaiado, sabe. (ALEXIA, CONTRALTO)

A parte considerada ruim da rotatividade fica clara no seguinte relato:

Então quando as pessoas percebem isso, muita gente sai e eu acho isso muito prejudicial, porque eu acho que o importante é a pessoa ter um crescimento com o coral, é tipo a pessoa que entra, por mais que ela não saiba muito de música, no semestre seguinte ela vai saber um pouquinho mais, no semestre seguinte ele vai saber um pouquinho mais, mas uma pessoa que a gente, que o coral se dedica a dar um apoio, uma técnica, um ensino, entra e sai, eu vejo que é um pessoa meio que desperdiçada. É uma pessoa que não vai agregar, não vai crescer com o coral. (ISABELA, CONTRALTO)

Criar vínculos com o coral é produtivo para ambas as partes, coro e indivíduo, portanto, quem logo sai não os cria, não cresce com o coral. Assim, a noção de pertencimento, do fazer parte, do compartilhar os ensaios e os momentos, mesmo que em períodos de dificuldade acadêmica ou indo e voltando, torna-se central ao funcionamento do coral como grupo e para as pessoas que estão ali dentro criando ou fortalecendo seus vínculos, bem como para a garantia da continuidade do projeto, do passar sua história, sua importância.

Mas como são criados esses vínculos? A observação participante ajudou a entender que existem dois momentos muito característicos que ajudam a solidificar esse processo, tanto os contatos pré e pós ensaios como a performance, e, além deles, o próprio repertório e a discussão sobre ele. O contato pré ensaio é o momento da conversa pós almoço, do cumprimentar a cada um, o momento do “boa tarde” e de colocar a conversa em dia, assim, estreitam-se laços e criam-se vínculos entre os membros que vão chegando, se cumprimentado, conversando e brincando.

Para além da performance, que será analisada mais à frente, o momento posterior a ela também é importante para o Voix-là, pois aqueles que se mantêm no grupo têm contato com os membros e os regentes nas reuniões que ocorrem depois da apresentação. A pizza compartilhada durante um rodízio, a cantoria que se segue, lembrar de músicas antigas e,

quanto terminar essa parte, a continuidade das festa do coro na república de um dos membros acentua os laços. Portanto, esse contato interpessoal, o conhecer melhor cada integrante, conhecer seu rosto, é imprescindível à coesão do grupo, sendo que só quem permanece por mais tempo, participa mais desses momentos e cria laços mais fortes, ajudando, posteriormente, a perpassar esses laços a quem é mais novo no coral.

4.4- O grupo, a Diversidade, a União, a Identidade: O Pertencer

A partir de Simmel, podemos entender o Coral enquanto pessoa, um ser fragmentado, que se transforma, no nosso imaginário. Então, “formamos uma imagem que não é idêntica ao que ela realmente é, mas que tampouco é um tipo universal” (SIMMEL, 2013, p. 659) Apesar disso, tal imagem para nós é algo completo e real, mas que, na verdade, é um todo complexo de partes, fragmentos, os integrantes, os quais nunca conheceremos completamente. Nesse ponto, a reflexão do autor é útil à nossa análise do coral como pessoa fragmentada:

O olhar do outro, entretanto, integra essa existência fragmentada de tal modo a fazer dela algo que nunca pura e completamente somos. Esse olhar é simplesmente incapaz de ver os fragmentos simplesmente um ao lado dos outros, ou seja, do modo como estão efetivamente dados; em vez disso, assim como nós integramos o ponto cego em nosso campo de visão sem que dele tenhamos absolutamente nenhuma consciência, assim também formamos, a partir dessa existência fragmentada, o acabamento [Vollständigkeit] de sua respectiva individualidade. A prática da vida nos impele a configurar a imagem da pessoa unicamente a partir de seus fragmentos reais (ou seja, das partes dessa mesma pessoa que conhecemos [wissen] de maneira empírica); mas essa mesma prática está baseada naquelas alterações e complementações, nas reformulações daqueles fragmentos dados que levam à universalidade de um tipo ao acabamento da personalidade ideal. (SIMMEL, 2013, p. 659).

A identidade do coral, para os integrantes e para os não integrantes, se funda justamente na imagem construída nos imaginários (sendo que cada pessoa pode ter uma, ou seja, essa identidade tende a um grande número, mas, mesmo assim, existe uma imagem compartilhada e utilizada sobre o que ele é). Porém, existem elementos que dão substância a esse imaginário, alguns fragmentos que podemos resgatar. Esses elementos são, ao mesmo tempo, parte da identidade e seus formadores.

O primeiro dia dos novatos no coral é um dia de alegria e brincadeira, de apresentações e identificações. Após o período de nervosismo da seleção e de esperar a resposta, é o momento em que todos são acolhidos e convidados a fazer parte da família

Voix-là⁸. Nesse primeiro dia, os novatos são, após a apresentação, introduzidos à dinâmica dos ensaios, à divisão de vozes, ao novo modo de lidar com seu corpo e sua respiração. Nos dias subsequentes, segue o período em que eles decidirão ou não fazer parte do coral, a partir do panorama que tiveram nos primeiros ensaios de naipe e nos gerais. Como pudemos ver no aspecto de rotatividade, não são todas as pessoas que continuam no coral, sendo que o processo de socialização, que definiremos como o estágio entre a sociação e a sociabilidade, é efetivo apenas àqueles que permaneceram.

Mas como será que as pessoas percebem o coral? O que nele chama atenção? Como são os seus integrantes? Vejamos esses aspectos através das entrevistas.

Primeiramente, destacamos a receptividade e a alegria do coral: “Oh, quando eu entrei no coral, é... eu achei as pessoas muito receptivas, né, e todo mundo muito animado, né, com aquela alegria toda” (NADJA, CONTRALTO). Apesar dessas características, se entrosar ao corpo do coral pode ser um processo mais difícil para algumas pessoas. Chama a atenção a fala de Priscila (Contralto), que conta que ainda não se percebe integrante da família Voix-là, porém, não por falta de receptividade:

Então, assim, eu não me sinto muito parte da família ainda do Voix-là, está meio estranho para mim. Então eu estou tentando conhecer a galera, me aproximar, porque quem está aqui – que eu comecei e me afastei durante muitos anos – eu acho que quem está aqui tem uma união mais forte assim, quem está aqui mais tempo. Então eu não me sinto tão parte do Voix-là ainda, o que é muito natural, né, porque só tem seis meses ainda. Mas não por falta de receptividade, né, é porque é um ambiente que você ainda está conhecendo as pessoas. (PRISICILA, CONTRALTO)

As falas de Priscila demonstram que existe um processo de socialização em curso, existe um discurso interno sobre a família Voix-là e, por fim, um processo de se sentir integrado ao grupo. Assim, a receptividade inicial e como se desenrola o processo subsequente de se sentir parte do coro é fundamental para o pertencimento ao grupo.

Samuel em uma de suas falas aponta que mudou muito no coral o quesito socializar. Ele é muito mais intenso agora e parte disso se deve aos encontros dos coralistas fora dos ensaios, nos ambientes de socialização comum dos universitários, como festas e lugares que eles frequentam. Então, o contato fora do coral torna-se central no processo de pertencer e de se entender família Voix-là.

Uma coisa, o coral mudou muito depois que eu entrei, assim, no quesito socializar. Pessoal junta mais para fazer mais festa para fazer mais coisa. Quando

⁸ O termo é usado pelos membros do grupo e aparece bastante nas entrevistas.

eu entrei no coral, eu era o único coralista que bebia, ninguém bebia. Hoje, é difícil achar um que não bebe. Essa característica do coral mudou drasticamente, assim. (SAMUEL, TENOR)

Sobre esses lugares de encontro fora do âmbito de ensaios e apresentações, o instigante é como existe a situação do prazer e o lugar da cantoria, ou seja, da música na vida dos coralistas, unindo-os nesse ambiente, junto ao fator ser parte da família Voix-là. Assim, não é só a música, mas os laços, a união do grupo. Samuel conta: “Nossa, quantas vezes a gente encontra um grupo do coral em qualquer lugar que a gente está e começa uma cantoria louca sem parar. É sempre assim” (SAMUEL, TENOR).

É um oi, um bom dia, um aceno da fila do restaurante universitário, um sorriso na reta da UFV, um abraço na Avenida Santa Rita. Mesmo sem terem a intimidade de anos de amizade, a cumplicidade, a educação e a alegria estão sempre presentes. Isso é a extensão dos momentos pré e pós ensaios, dos encontros aos sábados para ensaios e que acabam em almoços, das pequenas apresentações que o coral faz pela UFV e das semestrais. Essas ações cotidianas acabam se tornando tradições e assumindo, para aqueles que acabam de entrar, papel no ambiente de sociabilidade e de entrosamento ao grupo e na própria dinâmica do tradicional, que é também tão nova e se renova com o tempo. Muda-se o auditório, muda-se o lugar da pizza pós apresentação, mas não muda o caráter da união e do pertencimento, o acolhimento, os primeiros elementos citados acima. Valquíria comenta: “Eu acho uma coisa massa no coral, que, tipo assim, qualquer lugar que eu estou, se eu ver qualquer pessoa do coral eu vou ficar feliz em chegar e bater papo com a pessoa, sabe?”(VALQUÍRIA, SOPRANO). O trecho demonstra como é cordial a relação de todos no grupo. Vejamos outros exemplos de fala em que isso fica latente:

Que, aí, é outro ponto que eu acho relevante. Que fora, tanto dentro quanto fora, dá para ver que, tipo, a gente é um grupo unido, sabe. [...] Que, tipo assim, eu acho que é uma diferença. Do tipo: é do deixar confortável também dentro do coro. Que o fato do coral Voix-là deixar a gente muito mais confortável, tão mais livre, faz com que a gente seja mais unido. (ALEXIA, CONTRALTO)

É um carinho. É um carinho. A gente brinca, mas realmente vira uma família, são pessoas que a gente convive muitas vezes por semana. E tem quando o Cleber vem fim de semana. E a gente está todo dia ai. E a gente vê que tem um grupo de amigos grandes que saem juntos a noite. Então não é aquela coisa só uma responsabilidade, sabe, é um carinho muito grande que a gente tem com o coral e com as pessoas. (ISABELA, CONTRALTO)

Eu percebo que o pessoal lá tem personalidades bem diferentes e, mesmo assim, a gente encaixa muito bem todo mundo. Não é aquele grupinho fechado, só a gente igual todo mundo, sabe, na linha. Não. Cada um com seus problemas e qualidades e todo mundo ali fazendo parte de uma união. (THIAGO, TENOR)

“É muito lindo ver todas essas pessoas, com opiniões tão diferentes, em um mesmo ambiente e convivendo bem. É uma coisa que a gente não vê fora, é uma coisa que fora é um motivo para segregar as pessoas e no coral não existe isso, todo mundo é todo mundo.” (ISABELA, CONTRALTO). Essa fala demonstra a questão de que o coro é completamente diverso, com opiniões diversas, com pessoas diferentes, sempre em contato, sempre cantando e aprendendo juntas. Some-se a isso a seguinte fala:

Assim, são amizades completamente improváveis. E ali você vê que existem pessoas que são tão parecidas com você, que você jamais imaginaria. Então, assim, é um nicho de amizades improváveis e está sempre chegando mais e sempre tem aquela expectativa, né, quem tá chegando? E aquela coisa toda. (NADJA, CONTRALTO)

Para além de encontrar pessoas que se parecem com você, como na fala acima, existe encontrar pessoas completamente distintas, com personalidades diversas. A fala de Aléxia e de Thiago, a seguir, nos ajuda a entender que é uma coisa que se relaciona a diferentes áreas da universidade também: “Tipo, de ver no coral o tanto que são pessoas completamente diferentes, de áreas e que se dão bem. Isso é a parte mais importante” (ALEXIA, CONTRALTO). E ainda:

Acho que justamente por ser um grupo muito diferente de pessoas, de diferentes áreas da faculdade, a gente acaba se colocando... eu nunca ia conhecer o pessoal, sei lá, da bioquímica, eu conheço o pessoal da bioquímica hoje por causa disso. Eu nunca ia conhecer. Eu gosto disso. E eu acho que o pessoal se comunica muito bem. Até quem parece que é mais quieto assim nos ensaios e tal, você vê que lá no grupo da zueira postando, falando alguma besteira lá. Então, comparando dentro e fora, eu acho que é até bem semelhante, assim, o pessoal, não parece que são dinâmicas diferentes, assim, um monte de amigo que se reúne na hora do almoço pra cantar. Essa é a impressão que eu tenho, sabe. (THIAGO, TENOR)

A parte final na fala de Thiago deixa claro que, para ele, existe um laço de amizade muito forte entre as pessoas. Muitas dessas amizades se formam dentro do coral e vão para além dele:

Então é aquela coisa, prova que a convivência, o todo dia, aproxima as pessoas. Mas é legal o fato de todo mundo conversar com todo mundo, todo mundo se dar bem com todo mundo, a gente não tem picuinha, briguinha, confusão e muita gente do coral se tornou amigo, amigo mesmo, pelo coral. Pessoas que eu nunca conheceria, mas que eu conheci e hoje em dia são muito próximas a mim. Não só dentro do coral, mas fora do coral. [...] A gente senta, assim que olha ao nosso redor, a gente vê que não tem ninguém igual, é todo mundo muito diferente em tudo, em roupa, em gosto, em religião, em política, em tudo, mas todo mundo está junto na mesma sala, desse tamaninho assim, pequeninha, um milhão de pessoas no calor, reunidas pela música. (ISABELA, CONTRALTO)

Assim, a música e a convivência pela música, para fazer música, é extremamente importante à coesão do grupo e ao pertencimento das pessoas. E é justamente a

convivência com a diferença que é um dos pontos centrais da identidade do coral, uma vez que ele lida com línguas e culturas diferentes. Esse elo entre seu objetivo e a sua vida enquanto coral, que só é possível porque os coralistas que estão ali sentem e vivem essa diferença, é que dá sua permanência e o retorno às pessoas que entram no grupo. A fala a seguir exemplifica isso:

E, no coral, eu cheguei e me dei de cara com uma diversidade muito grande e eu acho, assim, que a característica, primeiro, que o que me fez gostar, que eu nunca tinha convivido com isso, com pessoas tão diferentes de mim, porque, assim, foi uma delícia, sabe, conhecer pessoas diferentes, cabeças diferentes, culturas diferentes. (VALQUÍRIA, SOPRANO)

Outra coisa, relacionada ao quesito amizade, é que todos compartilham coisas no coral e isso, novamente, vai para além da Universidade:

Mas eu acho que todo mundo ali cria um elo que vai muito além da UFV, sabe? Que vai bem em todo lugar que você está. Eu falo que o Voix-là é família, eu falo que o Voix-là é uma família mesmo. A gente convive muito, a gente passa aperto junto, a gente passa sufoco junto, a gente leva... brinca junto, agente tem ideias novas juntos, a gente se diverte juntos, é puramente uma família para mim. Eu acho que a relação não é só ali dentro, eu acho que tem gente que realmente convive todo dia fora, porque tem gente que faz os laços mais fortes, assim. (VALQUÍRIA, SOPRANO)

Não apenas pela convivência, mas por poder ser quem se é dentro do coral, como afirma Nadja: “mas a pessoa que entra vê que todo mundo é amigo, que todo mundo conversa. Eles falam: “– Não, aqui eu posso ser quem eu sou, aqui eu posso interagir com todo mundo”(NADJA, CONTRALTO). Assim, nesse ponto, acrescentamos a fala de Valquíria: “A gente se sente a vontade pra ser quem a gente é ali no Voix-là, sempre foi assim”(VALQUÍRIA, SOPRANO).

Para além dessa percepção de união, o coral tem outras funções na vida de seus integrantes. Assim, temos a imagem do que o coral é a partir do que ele se tornou no dia a dia dos coralistas. Quando pensamos no ambiente acadêmico essa função se torna latente, no sentido de que o coral, como já vimos, mesmo com a responsabilidade envolvida, é uma atividade ligada ao prazer. A função de descanso de mente⁹, de atividade de prazer foi muito presente durante as entrevistas e é parte do pertencimento ao coral. Ou seja, da mesma forma que as pessoas têm suas funções no coral, ele tem sua função na vida de cada um que compõe o coro.

⁹ O termo veio das entrevistas e retrata bem, resume bem, as ideais colocadas sobre a relação da atividade de canto coral, do fazer parte do coral e estar no ambiente universitário, considerado pelos interlocutores estressante.

Sigamos para a discussão de alguns fragmentos. Primeiramente, com os elementos de prazer e descanso de mente e depois para outras características que se ligam a discussão sobre união que foi empreendida acima.

Iniciemos com a fala de Nadja: “Então, o coral pra mim é como se fosse uma válvula de escape dessa confusão desse doutorado, sempre muita pressão, muitos prazos, muita coisa pra fazer”(NADJA, CONTRALTO). As falas de Thiago vão no mesmo sentido: “Tá. O coral, hoje, eu diria, que a única atividade que eu faço fora de casa, assim, fora do conforto de casa que realmente me dá prazer” (THIAGO, TENOR). Agora, vejamos as falas de Alexia:

Eu acho que é... tenho que decidir, resumir as palavras importantes. É muito complicado, mas eu acho que se eu precisasse descrever em poucas palavras, eu acho que eu colocaria o coral como, é... lugar responsável pela sanidade mental dentro dessa Universidade e que acaba com a cabeça da gente. Acho que essa seria a forma mais resumida e bem definida do que o coral representa. (ALÉXIA, CONTRALTO)

Essas falas denotam a importância do coral para além da responsabilidade com o aprendizado de linguagem musical e preparação de performance, demonstram como que a turbulência da vida acadêmica pode ser menos impactante negativamente ao contato com atividades que lidam com o prazer em se envolver com algo de que se gosta, mas, para além disso, o envolvimento com pessoas. Esse envolvimento com algo diferente do dia a dia da sala de aula e que forma um grupo essencial de apoio à vida universitária.

A fala de Isabela vai nesse sentido e ainda revela o caráter de felicidade que pode existir na vida universitária, não relacionada a sala de aula:

Foi uma coisa que, a princípio, era um descanso de cabeça, porque a faculdade é muito estressante, pensar em prova, trabalho, é muito estressante e lá a gente foge um pouco dessa realidade e tem uma... a gente consegue relaxar fazendo uma coisa que gosta. Então isso é muito bom, eu acho que todo mundo da Universidade deveria fazer alguma coisa fora nesse sentido, porque eu acho que dá uma cara diferente para a Universidade. A gente vê que a gente não está aqui só pra estudar, a gente está aqui também para ser feliz, para descansar, para fazer algo que a gente gosta¹⁰. (ISABELA, CONTRALTO)

Junto a esse descanso é importante entender que, apesar da grande diferença de ideologias e pensamentos no coral, o clima existente dentro dele é que dá esse sentido de lugar de descanso, de encontrar amigos, de poder estar em união com pessoas fazendo algo em comum e compartilhando o prazer pela atividade desenvolvida. Filipe afirma:

¹⁰ No contexto da fala, ela não quis afirmar que não gosta de estudar, mas mostrar como a atividade do coral a deixa feliz e ajuda a controlar seu estresse.

Mas eu acho bem legal que, tipo, tem tudo, todos os tipos de seres humanos interagindo bem tem no coral Voix-là. Fazendo uma coisa em comum e fazendo bem, tipo assim, a minha ideologia sobre qualquer coisa pode contrastar com a sua ideologia, mas isso não afeta a nossa interação, não afeta também o rumo que o Voix-là vai tomar. Eu acho isso muito legal, muito legal mesmo. (FILIPE, BAIXO)

Posto isso, retomemos uma fala sobre a família Voix-là e entendamos o motivo dessa família, ou seja, o estar junto:

A palavra que me descreve o Voix-là, tanto quando eu entrei como agora, é família. [...] Porque o coral é o que eu falei no início, é uma família, todo mundo, todo mundo ali tem alguma coisa na vida do outro, mesmo se conversa mais ou se conversa menos é... está ali, entendeu? É todo mundo parente de alguma forma. (VALKÍRIA, SOPRANO)

Caminhemos para as características marcantes do coral. As falas caminham no sentido de alguns termos que já vêm sendo tratados, mas merecem um destaque e uma explanação maior. Alguns termos que vão aparecer são: excentricidade, pluralidade, diversidade, coro diferenciado, emoção e assim segue. Iniciemos com a excentricidade, que caminha por outras características marcantes do coral:

Eu vejo o Voix-là como excentricidade. A gente não é um coral comum, a gente é um coral completamente diferente, a gente vê corais, eles têm sempre o mesmo estilo, a mesma coisa. Que canta músicas coral tradicional e blá, blá, blá ou músicas populares e a gente vê que o coral, o Voix-là não tem isso. O Voix-là canta de tudo. A gente pega várias culturas, vários estilos, vários tipos de música com muita técnica, músicas com pouquíssima técnica, músicas bobinhas populares, Opa, Opa, e a gente já canta também Shenandoah, que é uma música que tem muita técnica, então a gente não é marcado por nada, a gente é tudo. Então a gente consegue abraçar muita gente, a gente consegue abraçar quem gosta de técnica, a gente consegue abraçar quem gosta de bagunça, quem gosta de música mais de brincadeira, a gente consegue chegar até todo mundo, tocar todo mundo. Então quem vai na apresentação, tem gente que gosta de um tipo, tem gente que gosta de outro, mas tudo que você quiser, você vai encontrar no Voix-là, tudo. Então eu acho que essa é a parte mais legal. E a gente se diverte com o que a gente está fazendo, não é todo coral que consegue se divertir com a responsabilidade e a gente consegue se divertir com a responsabilidade. Então eu acho que essa é a maior marca, a excentricidade, a diferença, nunca é igual, nunca é uma apresentação igual a outra. (ISABELA, CONTRALTO)

Essa fala lança margem para colocarmos as demais características. Um coral que é tudo, que tem um repertório diverso, que tem apresentações diferentes e todo o tipo de gostos envolvidos em seu entorno. Vejamos a opinião de Priscila, que vincula a identidade do coral a sua ligação ao DLA, não só a ligação, mas às questões já mencionadas sobre o acolhimento e sobre o respeito à diversidade:

Eu acho que o que faz o Voix-là ser o Voix-là, primeiro, é a especificidade de ser um coral da Letras, que obrigatoriamente a gente precisa cantar em línguas, em outras línguas e isso, obviamente, é a primeira característica do Voix-là. De ter um repertório muito variado em termos de línguas. A gente precisa ter isso, por causa do departamento de Letras. Eu acho que outra coisa que caracteriza o

Voix-là e o torna especial é esse acolhimento da diversidade, sabe. Tipo assim, a gente não precisa ter medo de falar, a gente não precisa ter medo de falar com quem a gente se relaciona, o que você prefere ou não prefere, se você usa drogas ou não usa drogas, se você é baladeiro, se você gosta de sertanejo ou rock, se prefere homem ou mulher. Porque eu acho que é essa liberdade de ser que também é... caracteriza o grupo hoje. (PRISICILA, CONTRALTO)

No bojo desses apontamentos, temos o repertório, já mencionado nas duas falas anteriores: “Eu acho que definiria o Voix-là, eu acho que é a questão do tipo de repertório, um tipo de repertório diferenciado. Porque eu aprendo muito, eu conheço muita coisa também.”(NADJA, CONTRALTO). Seguido disso, a pluralidade:

Acho que características mais marcantes que eu vejo dentro do coral... é... a pluralidade do coro, que dá pra ver que, até na apresentação mesmo, por mais que a gente esteja vestido igual, dá pra ver o tanto que são pessoas completamente diferentes. [...]Tipo assim, sempre tem essa pluralidade e não só física, de jeito. Que é uma coisa que eu fico encantada com esse coral, cara. [...]E, tipo assim, é um negocio que eu acho maravilhoso, porque, de fato, acho que a gente não consegue falar assim, oh, descreve qual que é o estilo do coralista do Voix-là. Não tem. Não tem, você não vai conseguir. (ALÉXIA, CONTRALTO)

Um fato interessante é que como diz Thiago: “Acho que você só vendo, você não percebe a dimensão dessa união do pessoal, sabe. E, dentro dele, eu percebi que é um pessoal bem unido, bem. E o coral é isso, é harmonia, é união” (THIAGO, TENOR). Ou seja, quem está de fora não consegue ver todas essas características, apenas quem está de dentro. E, o mais importante, é que isso é fundamental no momento das apresentações. A fala de Guilherme demonstra isso:

Eu acho que todo mundo ter interação com todo mundo dá uma química maravilhosa para a apresentação. Porque eu acho que essa que rolou em meados de 2016 a gente tinha tudo isso é... essa questão de você cantar músicas que você não pode respirar e aí você tem que ser, estar receptivo à respiração do outro para você saber respirar na sua hora, se você não tem nenhuma... se você está, assim, a parte do coral inteiro você também tem dificuldade em participar dessa troca e cantar numa unidade. (GUILHERME, TENOR)

Essa característica do coral vai além das relações pessoais e vai para o mundo da técnica, da qualidade do canto coral que se empreende nas apresentações e revela o quanto que o viver a pluralidade e a diversidade do coro é fundamental para produzir unidade durante a realização das músicas. E, portanto, temos as características dos integrantes, que se refletem na imagem que os espectadores têm do Voix-là e que o próprio coro tem de si, em um jogo de interpretações do outro e de si, tanto enquanto pessoa quanto coro:

mas eu acho que é porque a característica, as pessoas que estão lá dentro são pessoas muito fortes, de personalidades muito fortes, pessoas que, tipo assim, não são muito de seguir regras e o Voix-là não é muito de seguir regra. Ele não é

o coral que você espera ver, ele é diferente, ele é bem jovem. (VALQUÍRIA, SOPRANO)

Terminemos mencionando a emotividade, que é capaz de sair do esteio do grupo e interpelar a plateia. Podemos perceber isso na fala de Filipe, que, vale lembrar, já foi do Coral da UFV e espectador do Voix-là durante anos:

Olha o Voix-là, para mim, realmente é mais ligado a emoção, sabe. As apresentações, eu vi... eu fiquei vendo apresentações do Voix-là por 4 anos, desde 2013 aquela que eu fui, eu nunca mais perdi uma semestral. E eu só não fui na do começo de 2017 porque eu não estava aqui em Viçosa. A segunda de 2017 eu estava cantando. Então, tipo assim, a emoção é muito forte, tanto você estar lá cantando, agora eu posso falar, quanto você estar lá ouvindo, tem uma energia diferente muito boa que eu gosto. Então eu definiria o Voix-là como bem emotivo, bem emoção. (FILIPE, BAIXO)

Mesmo apontando todos esses fatores, ainda resta uma dúvida: o que mantém as pessoas no coral? São essas características, tem algum elemento mais? Aprofundemo-nos nesse aspecto. Vejamos inicialmente a fala de Priscila que, vale relembrar, retorna ao coral depois de anos:

O que me fez voltar, o que me fez continuar é o prazer de cantar, de estar junto, né, de... eu fui, né, teve aquela confraternização, foi bem gostoso, né. Eu voltei... o que me mantém aqui é o prazer de cantar de estar junto e de continuar... e eu me senti muito honrada de voltar e estar participando depois de tanto tempo, né, poder estar aqui de novo, ver a Gracia, ver o Cleber ainda aqui. É muito gostoso, eu gosto de participar de estar junto. E o grupo é muito gostoso também, né, são pessoas legais, abertas, que falam de muita coisa. Eu gosto dessa abertura que você tem aqui de falar sobre sua orientação sexual, e as pessoas até apoiam quem se manifesta ou como gay ou como bi, né, ou como lésbica, né. Isso é muito bom. Eu acho até que a gente poderia fazer alguma coisa nesse sentido. Tipo assim, cantar uma música, o amor mais plural, sabe. Porque... é... eu acho que isso nos diferencia de outros corais, né, essa receptividade tão grande com relação as diferentes sexualidades do pessoal que canta. (PRISCILA, CONTRALTO)

A fala de Priscila resume a discussão feita até agora, indicando como que as características que vimos expondo fazem parte do pertencimento e do querer ficar no Voix-là. Mas vejamos outros pontos essenciais. Começamos pela rotina, envolvendo o prazer, é claro, que o coral cria e o caráter de desafio e superação, presente na seguinte fala:

Bom, eu não saio do Voix-là porque eu gosto muito de participar dele, mas, também, porque ele me motiva a superar, a me superar, sabe, aprender coisas novas e me esforçar e aprender a cantar melhor e a aprender mais música. É... me motiva a subir no palco e ter aquela sensação de novo... de... está tudo bem aqui. É, acho que é isso. Mas, também, porque ele tem rotina, ele tem colocado rotina nas minhas atividades. Eu tenho a faculdade, eu tenho o coral, o CA e também a gente não tem uma rotina tão definida assim, mas eu gosto de estar toda segunda feira tem ensaio, toda sexta feira tem ensaio, então eu já sei que aquilo ali é parte do meu dia, tipo, está programado. E é isso. (THIAGO, TENOR)

Na esteira da fala de Thiago, Valquíria acrescenta um ponto sobre a rotina que o coral cria e porque ela é tão importante:

Porque, quando a gente está de férias, eu penso no período das férias, você sai em dezembro de férias, aí dezembro, início de janeiro, final de janeiro, você está de boas, chega fevereiro você já está com saudade do coral, já. Porque faz muita falta, coral é uma rotina que te faz muito bem. E é uma coisa que assim que vai fazer falta porque é um... não é só um horário de almoço no coral, é um horário de almoço que você fica bem, que você realmente descansa, distrai, sabe, vai fazer muita falta. (VALQUÍRIA, SOPRANO)

Ou seja, o peso das características do coral que viemos discutindo pesa para que as pessoas permaneçam no coral. O ensaio não é apenas aprender as músicas, ele está para além de fazer aquecimento vocal, passar as vozes de cada naípe, cantar no tempo certo e, às vezes, levar esporro¹¹ pela falta de comprometimento, ser cobrado para que a música seja executada com as suas exigências. Todos esses elementos só não descrevem o que é o coral e o ensaio na dinâmica do pertencimento. Vejamos o motivo de Samuel ficar tanto tempo no coral, pois ele é importante para completar o sentido desse ponto:

O Voix-là é quase que uma família aqui dentro, né. Qualquer um que entra é super bem acolhido ali e se sente em casa a qualquer momento. Isso é o que eu sinto, é o que eu vejo no Voix-là e o que me fez ficar esse tempo todo no coral. E eu saí, principalmente, porque estava apertando por questões acadêmicas, a dificuldade pra conseguir almoçar e ir para o ensaio assim que era o principal motivo que me atrapalhou. (SAMUEL, TENOR)

Há pessoas que nem cogitam sair do coral enquanto tiverem as condições necessárias para continuar: “mas eu falei assim, não, eu já vi que eu não tenho coragem de sair do coral, que eu não vou sair, vou continuar indo o tanto que eu puder, mas acho que nunca cogitei assim não, foi só um pensamento de aperto mesmo”(VALQUÍRIA, SOPRANO).¹²

O pertencer ao coral, o estar nele, traz algumas sensações e pensamentos para as pessoas, tendo impacto direto em suas vidas, nas suas vivências e até nas suas visões de mundo. Tracemos esse quesito, começando pela percepção de Filipe e depois passemos ao que o coral tem significado para alguns de seus integrantes:

¹¹ Decidiu-se usar o termo que o grupo usa para tratar dos momentos de bronca. Um relato é interessante para entender o porquê de optar pelo uso do termo: “Hoje, ao sair do almoço do Restaurante Universitário, cumprimentei um amigo tenor. Ele logo perguntou do TCC e se eu colocaria o “esporro” levado por todos no último ensaio de sábado no meu trabalho”.

¹² Tal fala refere-se à situação de Valquíria durante a sua fase de estudo para o mestrado. Ela, que entrou no coral em 2013, pouco antes de formar em 2017 e com pouco tempo, insiste em continuar no coral o quanto puder e, apesar de pensar que não ia dar conta, continua. Ela passou no mestrado e ainda está no coral.

Mas eu achei isso muito legal, a receptividade que eu tive no coral Voix-là, eu acho que foi até melhor da que eu tive no da UFV e o da UFV não foi tipo assim, não era ruim, não estou falando que não tinha, que não teve isso. Mas eu sinto que o ambiente no Voix-là ele é bem mais leve, bem mais fluido, ele dá mais vontade de estar interagindo com aquelas pessoas do que com outras pessoas. Então eu estou gostando muito, e eu vou continuar o máximo que eu puder aqui. (FILIPE, BAIXO)

Um grupo que se vê diferente e que se prova diferente, é isso que temos no Voix-là. A coesão de que se fala existe e é percebida pelos membros e por quem adentra no seu interior. E as percepções é que formam o imaginário dos membros e os mantém por perto. Assim, o coral ele acolhe e também ensina:

Que para mim isso é o que torna o Voix-là o melhor lugar do mundo. Tipo, ele é muito democrático nesse sentido, você não precisa chegar aqui sabendo. Você pode chegar aqui com vontade de aprender, o resto a gente tenta segurar para enfiar na sua cabeça. Então, eu acho que o que torna diferente de outros corais que eu conheço, essa sensação de união dentro e fora, é essa abertura que a gente tem de deixar as pessoas mais confortáveis e de especialmente não cobrar que elas sejam 100% naquilo, que elas só precisam estar de coração aberto para o que a gente quer ensinar, sabe. Melhor lugar do mundo, coral Voix-là. (ALÉXIA, CONTRALTO)

Um ambiente de aprendizado mútuo, de conhecer junto, de se aproximar da diferença e crescer, também, pessoalmente:

Porque você conhecer pessoas que não são da mesma realidade que a sua, que não tem a mesma vivência, as mesmas experiências, te enriquece muito. E me enriqueceu muito enquanto pessoa o contato com pessoas muito diferentes de mim por um gosto em comum, então eu acho muito bonito o fato de como a música aproxima pessoas completamente diferentes, a gente vê isso lá dentro. (ISABELA, CONTRALTO)

O coral Voix-là é, portanto, o lugar que várias pessoas diferentes entre si, que compartilham algo em comum, aprendem juntas e crescem juntas. A música é capaz de criar um elo dentro do coral que se verifica nas percepções sobre o grupo. E o querer a música por perto e fazer música é, também, responsável pelo pertencimento e as percepções sobre o próprio grupo:

Foi o fato de querer viver isso com essas pessoas, eu queria viver a música, o descanso com pessoas que eu gosto, com pessoas que eu tenho uma afinidade e fora o crescimento que isso trouxe para mim, em questão da música, porque eu sempre gostei de música, mas eu nunca fui exatamente uma estudiosa de música. Então isso me trouxe um crescimento, uma experiência em música maior, de uma forma que eu gosto, não era ir para uma sala de aula e estudar música. É uma coisa de prática, de experiência, mais viver. Mas sem dúvida, o que o coral mais trouxe para mim, foi o crescimento enquanto pessoa. Realmente esse contato com pessoas muito, muito, muito diferentes de mim, que eu realmente, se dependesse de mim, eu nunca me aproximaria dessas pessoas, eu nunca teria oportunidade e hoje o coral me deu essa oportunidade de me aproximar dessas pessoas e conhecer realidades diferentes e ser uma pessoa melhor, saber lidar melhor com a diferença, com tudo, com realidades que não são a minha, então o

crescimento como pessoa, sem duvida, foi a parte que o coral mais foi importante pra mim. (ISABELA, CONTRALTO)

O interessante no processo é que isso se torna uma forma de viver e de enxergar o mundo ao redor do grupo. Esse processo é levado para fora, para a vida fora do grupo, ou seja, o aprendizado não fica preso, restrito à identidade do grupo. Nesse sentido, ela é formativa.

Para terminar essa parte do trabalho, vale acrescentar, na verdade, reafirmar, que o coral é algo que faz bem para seus integrantes. Valkíria afirma:

O coral me dá forças pra continuar. É o estar lá cantando e tudo mais que me dá forças pra continuar vivendo, porque, ultimamente, é uma das coisas que tem me feito muito bem. Então, assim, não só pelo acolhimento, mas pela oportunidade de cantar, de por a voz pra fora e ninguém ficar me julgando lá, entendeu? Então é isso que é o coral pra mim. [...] E não dá vontade de sair. Eu não quero formar, que a hora que eu formar eu vou ter que sair... (VALKÍRIA, SOPRANO)

Assim, reafirma-se o caráter do coral enquanto lugar de sanidade mental, de acolhimento, de prazer, de descanso, de estar com os amigos fazendo algo em comum e celebrando a cada momento as diferenças que ali existe e que subsumem a cada execução de uma música. A identidade fragmentada do Voix-là agora aparece um pouco mais organizada, mais concreta, uma vez que temos inúmeros indicativos do que faz o coro se enxergar enquanto coral. Os discursos, as falas, as representações foram, portanto, o fundamento, o meio para fazer emergir esses elementos tão importantes.

4.5- Música para Falar do Mundo, Performance para Falar de Mim

O repertório é parte fundamental da imagem que se constrói do coral, na medida em que informa um estilo, uma projeção sobre as escolhas musicais subsequentes relacionadas às semestrais. A música, dentro do grupo, de sua identidade e do simbolismo é o movimento, o grã-prisma do esquecer as individualidades, por alguns momentos, para a execução ou treino de uma peça e ainda está para além disso. Dessa forma, ela permite que a voz, o som de cada pessoa¹³, soe como uma só no momento da execução, ou seja, o foco na música, no som, na respiração, na postura, substitui a noção de conflito presente nas identidades. A partir desse momento, até a divisão de vozes presentes na música não se opõe, mas se complementam.

Com relação às músicas cantadas, as línguas e culturas submetidas ao conhecimento e canto do coral, pode-se perceber a preocupação com a interpretação

¹³ O som da pessoa é uma música de interpretação de Gilberto Gil que o coral sempre canta em cânone.

contextual das músicas. No sentido de entender do que ela fala, da sua velocidade, da sua dinâmica e força de voz. Assim, pudemos ver em campo, quando o regente chama a atenção do coral para a música Shenandoah, dizendo que ela é sobre um rio, que temos que fazer com a voz e com a música o movimento da água desse rio, trazer não só o efeito, mas o sentimento que a música quer passar através de letra e melodia. Isso se comprova pela fala de Nadja: “Porque o Voix-là não é simplesmente chegar lá e cantar em outra língua, é conhecer um pouco dessa outra língua e dessas culturas diferentes, também, porque a gente acaba tendo contato com a cultura indígena, com cultura africana, europeia e tudo, né” (NADJA, CONTRALTO).

Partindo das percepções dos colaboradores sobre a música e a performance, podemos traçar como elas se ligam ao imaginário da identidade e pertencimento que vem sendo discutido até aqui. Primeiro, passemos pela música e, depois, realizemos a incursão pela performance. Com as falas que se seguirão veremos que tais percepções sobre a música se ligam ao que os membros veem no coral, aos motivos de eles se manterem no grupo e das percepções que têm sobre o grupo. Podemos dizer, inclusive, que as pessoas projetam a sua percepção sobre música no coral.

Para começar a nossa análise, voltemos ao ponto em que o Voix-là é tudo e tem um repertório diferenciado.

A gente pega varias culturas, vários estilos, vários tipos de musica com muita técnica, musicas com pouquíssima técnica, musicas bobinhas populares, Opa, Opa, e a gente já canta também Shenandoah, que é uma musica que tem muita técnica, então a gente não é marcado por nada, a gente é tudo. Então a gente consegue abraçar muita gente, a gente consegue abraçar quem gosta de técnica, a gente consegue abraçar quem gosta de bagunça, quem gosta de musica mais de brincadeira, a gente consegue chegar até todo mundo, tocar todo mundo. Então quem vai na apresentação, tem gente que gosta de um tipo, tem gente que gosta de outro, mas tudo que você quiser, você vai encontrar no Voix-là, tudo. (ISABELA, CONTRALTO)

Essa característica, em parte, consegue explicar a diversidade presente no coro, ou seja, um coral que é tudo e canta de tudo, que tem um repertório complexo, no sentido de abarcar inúmeras culturas, inúmeras línguas e colocar não só o coral, mas o público em contato com todo tipo de experiência através das músicas durante uma apresentação. Em parte, porque o outro ponto é o gostar de música e querer fazer parte de algo que lide com música, exatamente pelo que a música significa na vida de cada integrante. A fala de Guilherme ajuda a entender o papel da música e depois do coral. O relato faz parte de como ele ficou sabendo do coral e de como ele se sentiu quando entrou, o que ele viu em

um primeiro momento. Vale acrescentar que ele entrou durante a época em que havia resquícios das características antigas do coral, antes da transformação que já descrevemos anteriormente. Vejamos:

Aí eu comecei a pesquisar vídeos dele no Youtube. Eu gostei, eu não me apaixonei, mas eu pensei: é o coral que está tendo, é o que está disponível. E aí, quando eu cheguei, o coral todo diferente, aquelas coisa medievais e eu ali, está legal, mas eu gosto de coisa popular. Até porque o histórico que a gente tem com musica geralmente é popular, né. Era o que eu tinha acesso, e demorou para eu me acostumar, mas hoje eu não me vejo fazendo parte de um coral que tem uma proposta diferente, sabe. Foi interessante perceber essa mudança, assim, é tanto porque a gente leva a sério a questão do lidar com a música, com a postura certa e, enfim, respeito ao canto coral e aquela coisa toda, porque que outro meio eu teria de ter acesso a essas coisas todas, sabe, se não fosse o Voix-là? Então, hoje eu vejo ele de uma maneira muito diferente de quando eu entrei assim. Eu entrei simplesmente pela necessidade de fazer parte de um coral e hoje eu tenho atributos a mais. (GUILHERME, TENOR)

Na esteira dessa característica medieval, Alexia conta sobre um diálogo com Arlindo, um dos responsáveis pela transformação de estilo do coral. O excerto ajuda a entender como que a diversidade do coral depende bastante das músicas, no sentido de quem entra no coral precisa estar aberto à proposta que ele apresenta. No fragmento abaixo ela discute a introdução de algumas músicas relacionadas à matrizes africanas, pontos, para ser mais exato, e porque ele fazia isso. Analisemos a resposta que ela recebe:

Ele virou pra mim e falou assim:” – Olha, o coral Voix-lá tem uma fama, quando eu procurei saber do que que era, era um coral com uma pegada um pouco medieval, uma ideia mais arcaica, canta umas musicas até com uma pegada mais cristã, e eu não acho que, tipo assim, todo mundo que tem que estar aqui tem que pensar nisso. Porque, se, de repente, eu quero você cante uma coisa de uma religião diferente, eu espero que você se sinta confortável com isso. Então, eu vou cantar esses pontos, que se a pessoa se sentir desconfortável, ela já não vai querer entrar no coral. Que ela tem que entrar aberta a cantar algumas coisas que talvez ela não concorde, até porque tem gente aqui que muito possivelmente não é cristão e está cantando essas musicas cristãs o tempo inteiro”. Eu achei maravilhoso ele ter falado isso. (ALÉXIA, CONTRALTO)

As falas revelam que música também trata de diversidade, de ver a diferença presente no mundo. A música é a possibilidade de viver a diferença. Isso já foi mostrado anteriormente nas falas sobre as características do coral e o que ele proporcionou à pessoas. Complementemos esse ponto com mais uma fala de Isabela:

Então eu acho bonito como a música faz amigos e como aproximou tanta gente, dentro e fora. Porque a gente vê... a gente sai as vezes, encontra o pessoal do coral e passa a noite inteira junto. Cantaria e vídeo e foto, quando você vai ver, você está [na Avenida Santa] Rita com seus amigos, com seu curso, quando você vai ver você chega lá e está tendo um bondão do coral, sei lá, seus amigos sentam com o bondão do coral e ficam lá cantando igual uns doidos. Então é realmente maravilhoso. (ISABELA, CONTRALTO)

Esse pedaço da entrevista reafirma o papel da música no grupo, de como ele aproxima pessoas dentro do coral e, inclusive, como é capaz de traçar uma rede de relacionamentos fora. Ou seja, os amigos de um coralista podem se tornar amigos de outros coralistas. Fica, portanto, latente como a música é capaz de inibir uma série de coisas que poderiam afastar pessoas, mas as unem.

Muito além disso, as pessoas têm inúmeras percepções sobre música. Vejamos algumas delas. Começamos pela ligação das percepções com uma característica importante do coral, a ideia de descanso de mente. Nadja afirma:

É igual Caetano fala, não necessariamente da musica, Caetano fala assim: “Um descanso quando a gente quer ir lá.” Então é como se fosse isso mesmo, um refúgio, sabe. Você quer descansar, você quer livrar a mente e vai cantar, vai se divertir, vai melhorar a técnica, vai respirar e é isso. (NADJA, CONTRALTO)

Para reforçar esse ponto, Guilherme afirma que, para ele, a música é terapêutica:

Mas a musica, de diferentes maneiras, tanto pela letra quanto pela melodia, ela me transporta de onde eu estou. Sabe quando você se vê numa atividade a uns 30, 40 minutos que você nem se dá conta de onde você está. A música tem esse poder. E é um vicio assim, sabe. Enfim... para mim ela é super terapêutica e é um canal que você usa para diferentes momentos, independente de como você esteja. Se você está muito depressivo, se você está muito agitado... ela vai sempre ter sua finalidade, sabe, para diferentes coisas. (GUILHERME, TENOR)

Continuando a pensar que a música está presente em diversos momentos, Priscila tem uma visão bastante parecida, terminando por dizer que ela é companhia:

Sabe, tipo assim, uma forma de comemoração nos dias bons, uma forma de consolo nos dias não tão bons e fazer parte do Voix-là é fazer parte disso tudo, né. De coisas bem positivas. Dos dias não tão bons, a gente canta também. Então musica para mim é isso, tipo assim, companhia. (PRISCILA, CONTRALTO)

Vê-se que a música pode sinalizar e estar em todo tipo de sentimento, todo tipo de momento. Assim, para Thiago, música é vida: “Música pra mim é uma parte essencial da vida. Não existe vida sem música. Não existe. Eu não entendo quem: “– Ah , eu não gosto de ouvir música.” Não. Eu vejo filme e eu fico triste porque não da para ver filme e escutar música ao mesmo tempo” (THIAGO, TENOR). E completa: “Musica pra mim é isso, é novidade, é estar é o caos e a ordem ali. Tem matemática por trás, mas tem o sentimento também, sabe” (THIAGO, TENOR). Nesse compasso, Filipe, durante a entrevista, afirma “Então a musica é importante para mim, porque ela meio que concretiza o meu humor, o meu sentimento no mundo, tipo, eu estou ouvindo o que eu estou sentindo aqui agora.” (FILIPE, BAIXO). E complementa: “Então eu acho que musica está muito ligado, eu num sei eu posso falar... a minha alma, mais ao meu sentimento, sabe” (FILIPE, BAIXO).

Vemos, portanto, como a música está ligada aos nossos sentidos, as nossas interpretações do mundo, as nossas representações e explicações sobre a vida e o mundo. Para complementar, vale acrescentar uma fala de Samuel: “Eu falo que é a trilha sonora da vida, está ali, cada momento da vida tem uma música específica para aquilo. Então ela faz parte da vida da gente, assim” (SAMUEL, TENOR).

A seguinte fala de Isabela ajuda a resumir a discussão sobre a função da música que fizemos até aqui:

A música, eu acho que a música é paz, a música é descanso de alma. Porque eu sempre gostei de música, mas eu nunca gostei de música por conhecer música. Eu sempre gostei da música pela naturalidade, pela leveza, pela calma. Eu sinto assim que toda a situação que a gente está vivendo, se tivesse uma música ficaria muito melhor. Então, a música, eu acho que é um jeito de tornar a vida menos seria, menos pesada. [...] Então é com a música que eu sinto que eu descanso, que eu vivo, que eu sinto. A música traz recordações, traz pessoas, une pessoas, traz diversão, traz descanso, traz paz, traz alegria, traz agitação. Então a música ela acompanha a gente em todos os momentos, então eu gosto de viver com música, eu gosto de ter as músicas da minha vida, assim, a todo o momento. Então a música significa isso, o meu jeito de lidar com as coisas. [...] Porque eu acho que traz um plus para vida, para todas as situações da vida que a gente está vivendo tem uma música, tem uma música para fazer aquela situação ficar bem melhor. Então isso é a música para mim. (ISABELA, CONTRALTO)

Terminemos com a frase de Valkíria: “Música é tudo na minha vida, sem música eu não vivo.” (VALKÍRIA, SOPRANO). A possibilidade que a música traz de cada ser humano conseguir explicar o mundo e se explicar no mundo, através dela mesma e por ela mesma, é incomensurável. Diante de tantas falas emblemáticas, não há que ficar acrescentando visões particulares sobre música. Basta entender, dentro do escopo do trabalho como que todas essas representações estão presentes com cada membro do coral durante os ensaios, durante as apresentações, durante os bondões formados nos momentos de lazer. Sem se perguntar e ir buscar esses pensamentos, jamais se poderia imaginar como a música é algo tão importante, inclusive, para a manutenção do sentido da vida de um indivíduo. Portanto, o Voix-là também é isso, ele é sentido, objetivo, companhia para cada membro do coro. Sua identidade e a ideia de pertencer a ele residem aí, onde muito pouco se vê ou se sabe, mas tudo se sente.

E justamente pelo sentir é que passamos agora a analisar a performance dentro da vida do Voix-là. Como será que os coralistas se sentem durante as apresentações? Qual o retorno do público e como isso afeta o coro? Caminhemos em torno das falas para responder essas perguntas.

Iniciemos a discussão com a ideia de resposta positiva e reconhecimento de trabalho:

É que eu acho assim, quando você treina muito e você se dedica e aí você se apresenta e todo mundo vem falar e você lota 700 lugares, eu acho que isso traz uma resposta positiva, né, tipo assim, os aplausos, os comentários: “– Nossa, que bom, me emocionei”. Eu acho que isso é importante para o coral no sentido de reconhecimento de trabalho, né, eu acho que é importante nesse sentido assim. (PRISCILA, CONTRALTO)

Porém, não é apenas uma questão profissional, o sentimento por trás do reconhecimento é pelo emocionar o público. E, além disso, o formato das apresentações reflete no que o coral quer se propor a passar ao público, que consegue captar e gosta do que vê:

Aí, tipo assim, é uma parada que, tipo, eu sinto que a gente realmente consegue, quando a gente se propõe a isso, né, passar para o público o que a música quer passar, que é uma parada que eu acho maravilhosa. E, uma coisa que tipo assim, eu ouvi de pessoas que foram nas nossas semestrais, que eu acho que é bastante positivo, é que o pessoal sempre fala o seguinte: “– Cara, vocês sempre contam uma história que fica tão bem contada que, tipo assim, não parece que a apresentação é de um coral. Sei lá, parece quase um musical, só falta vocês interpretarem, porque vocês simplesmente não estão passando uma música, vocês estão passando toda uma história ali que atravessa as músicas que no final tem uma lição de não sei o que, sabe.” Então, tipo, é uma coisa que para mim me deixa extremamente satisfeita, de, tipo, sentir que a gente não está simplesmente passando uma música, saca? E de muitas pessoas depois da semestral me falarem isso. (ALÉXIA, CONTRALTO)

Na questão do formato das apresentações o Voix-là se destaca, no sentido de não ter uma formação coral padrão dentro das apresentações¹⁴. Assim, a interação no palco é importante nesse sentido e reflete o cotidiano de interações entre os coralistas e que viemos discutindo até aqui. As falas de Valquíria apontam para isso:

Eu acho que tem uma interação muito grande da galera. Eu acho que, principalmente, em toda, toda a semestral que a gente vem fazendo, sempre tem uma música que é livre para gente interagir entre a gente, né. Eu acho que isso é diferente. Eu não sei, eu não vejo isso em outras coisas. Eu acho que essa união que o coral tem faz toda a diferença, porque quando a gente está ali junto, a gente sabe que está tudo mundo junto, então, sei lá, eu acho que sai mais bem feito, a gente tem mais ânimo, a gente tem menos medo e eu acho que fica uma coisa, assim, muito autêntica, eu acho a apresentação do Voix-là muito autêntica. A gente faz na mesma apresentação uma coisa muito triste e uma coisa muito feliz, sabe. É diferente das outras coisas que gente vê, não é tão formal, o Voix-là não é tão formal. Então eu acho que essa é a diferença das apresentações. (VALQUÍRIA, SOPRANO)

¹⁴ As formações padrão são os naipes, os tipos de vozes, separadas umas das outras e as vozes iguais perto. Existem vários tipos de formação padrão, porém, a marca desse padrão é essa organização das vozes juntas. Geralmente, as pessoas estão em pé, uma ao lado da outra, mas formando grupos distintos, com pastas na mão e olhando para regente e partitura ao mesmo tempo. Não existe movimentação, olhares, sorrisos, apenas canto.

Na esteira de que o Voix-là não é um coral formal, vejamos o que outros interlocutores contam sobre as percepções de familiares e amigos sobre as apresentações do coral. O interessante é captar essa característica de ser diferente, de ter uma proposta diversificada para as apresentações e como isso está presente na identidade do coro. Nadja conta o que seu pai pensa:

É uma coisa que meu pai sempre fala. Que ele vê os vídeos, né, e eu falo com ele, né, e vocês estão quebrando paradigmas daquela coisa quadradinha, em pé, toda formal, né. [...] É como se fosse uma dinâmica da apresentação para que todos fiquem confortáveis, tanto a gente que está cantando quanto o público que está vendo também. (NADJA, CONTRALTO)

Nas falas de Thiago esse elemento é latente:

As pessoas falam bem. Minha mãe foi na última apresentação, por exemplo, ela achou que ia ser aquele negocio quadrado, de igreja, parquinho, formação, roupinha. Não. A gente tem a presença de palco, assim. Talvez isso seja um diferencial nosso. Eu não fui em muitas apresentações, mas eu vi o coral da UFV, por exemplo. Eles não têm a mesma dinâmica que a gente. A gente sempre tenta fazer... uma senta por aqui, sai por aqui, aí nessa música vamos cantar todo mundo sentado, vamos cantar em pé, se abraçando, eu acho legal isso assim. E o pessoal parece que reage bem a isso, eles gostam, o público. E quando minha família veio aí, eles falaram que ficaram surpresos. Eles acharam que ia ser uma coisa e foi outra diferente. Agora eles querem vir sempre. Os meus amigos também, eles sempre vão. Eles sempre sabem que vai ser daquele jeito nosso de, pô, do nada as meninas tiraram a saia e viraram a saia ao contrario, da cor diferente. E é sempre uma novidade, sabe. As pessoas gostam do que a gente apresenta pra elas. (THIAGO, TENOR)

Outro elemento é o gosto que o público toma e o querer continuar indo às apresentações e poder sempre esperar uma coisa nova. Para Isabela isso se dá pela característica de o coral conseguir agradar a todos: “Então quem vai na apresentação, tem gente que gosta de um tipo, tem gente que gosta de outro, mas tudo que você quiser, você vai encontrar no Voix-là, tudo. Então eu acho que essa é a parte mais legal” (ISABELA, CONTRALTO). Continuando, vejamos outra fala de Isabela que vem na esteira e caracteriza bem como ocorre a apresentação e a interação com o público, que, para ela, é o jeito do coral:

A gente faz essa movimentação, a gente distrai, a gente faz brincadeiras no meio da apresentação, a gente senta, a gente levanta, a gente dança, a gente... Índios Kraós a gente fica batendo palma, a gente vai para lá, vem para cá. Então é uma coisa que envolve o público, não é uma coisa que o público senta, vai assistir e vai embora. O público interage com a apresentação, o público vive a apresentação. E isso é muito diferente de tudo que a gente vê como coral, então isso atrai, isso impressiona, isso chama atenção de quem está indo pela primeira vez. Por isso que cada apresentação o público do Voix-là aumenta, porque vai uma pessoa diferente e olha, nossa, que diferente, eu nunca pensei que um coral podia ser assim, aí a pessoa vai na próxima, chama mais alguém. Cada apresentação tem mais gente porque as pessoas vão no coral imaginando ver aquele coisa quadrada e chega lá e vê que o coral não precisa ser quadrado, então

é isso. A nossa diferença é ser diferente, a gente quer ser diferente do que já existe, a gente quer manter a linha coral, mas do nosso jeito. (ISABELA, CONTRALTO)

Para ela, o público vive a apresentação. E foi essa emoção que fez com que Filipe gostasse do coral e quisesse entrar:

Olha o Voix-là para mim realmente é mais ligado a emoção, sabe. As apresentações, eu vi, eu fiquei vendo apresentações do Voix-là por 4 anos, desde 2013 aquela que eu fui, eu nunca mais perdi uma semestral. E eu só não fui na do começo de 2017 porque eu não estava aqui em Viçosa. A segunda 2017 eu estava cantando. Então, tipo assim, a emoção é muito forte, tanto você estar lá cantando, agora eu posso falar, quanto você estar lá ouvindo, tem uma energia diferente muito boa que eu gosto. Então eu definiria o Voix-là como bem emotivo, bem emoção. E isso é legal. (FILIPE, BAIXO)

Portanto, a emoção não está presente apenas no público. Cada membro do coro, antes, durante e após as apresentações está envolto em uma confluência de sentimentos. É, muitas vezes, uma mistura de emoção com nervosismo, com ansiedade, com realização, com preocupação. Um dos pontos é fazer o que se gosta e a relação disso com os aplausos, enquanto recompensa:

Eu gosto muito de estar cantando, eu acho incrível, eu acho que tipo eu estou mostrando uma coisa que eu sei fazer junto com outras varias pessoas, mostrando a arte da gente, na verdade. E, quando o publico aplaude eu acho isso muito gratificante, eu gosto demais, então a sensação que eu tenho de estar me apresentando no coral é incrível, é muito boa mesmo. (FILIPE, BAIXO)

E a vontade é que a apresentação dê certo e consiga passar o que se planejou ao público. Nadja afirma: “Aí eu fico sofrendo ali, mas, normalmente, eu fico muito feliz e realizada durante e após as apresentações” (NADJA, CONTRALTO). Continuando, Valkíria diz que é uma coisa que não dá para explicar, apesar do estresse:

Sempre muito estresse, nas primeiras como agora eu fico muito estressada, eu fico muito nervosa, porque eu sou ansiosa normalmente, mas o sentimento que eu tenho na hora é fantástico, é inexplicável, não dá para explicar porque não dá para entender, é uma coisa muito boa. Depois também é muito bom. (VALKÍRIA, SOPRANO)

Samuel, que precisou se afastar no coral relata: “É uma sensação única, assim. Um prazer fora do comum, gosto muito. Como eu estou fora esse tempo, eu sinto essa falta assim de apresentar, na semestral, ah, eu queria estar lá. Porque é muito bom, muito bom.” (SAMUEL, TENOR). Portanto, a apresentação ajuda a criar pertencimento e desejo de continuar fazendo parte do coral e se apresentando. Para entender essa ponto melhor, vejamos o que Alexia tem a dizer:

E uma outra parada que eu acho massa também, é que, por causa disso, a gente acaba desenvolvendo, de ouvir a galera falando e tals, um sentimento de amor

pelo coral imenso. Que às vezes enquanto a pessoa caloura antes da semestral ela nem sente tanto, aí depois da primeira semestral a gente canta e ela fica tipo assim: “– Cara, eu preciso de outra semestral, que eu estou viciado em semestral.” Porque quando você termina, tipo assim, a primeira satisfação de ter conseguido fazer e é uma parada massa que eu acho na gente também, que é: por mais que a gente tenha errado, vai ter um outro que vai falar, oh, a gente errou aquela coisa ali, foi lindo, o público amou, tipo, a galera não assistiu o ensaio, não sabe que está errado. É um negocio que tipo assim, eu acho que essa ideia de a gente não simplesmente passar uma música, passar uma mensagem, faz com que o público saia sempre satisfeito, então eu acho que esse é o feedback que eu mais ouço, tipo de gostar da gente passar uma ideia e não simplesmente tacar uma música sabe, maravilhoso. (ALÉXIA, CONTRALTO)

Mas além de apenas realização pessoal, existe a preocupação com a realização do grupo e é a preocupação e a responsabilidade de fazer a apresentação que dá a cara do coral para os integrantes do grupo. Logo após as apresentações, quando se vê o resultado do que se vinha fazendo durante os ensaios, tendo a resposta positiva do público, compartilhando com o grupo o mix de emoções é que se estreita os vínculos já presentes e a ideia de pertencer ao grupo, de tomar sua identidade para si alcança a sua concretude. Portanto, a sociabilidade, que, apesar de ser um processo constante, tem sua realização na performance. Claramente que a socialização continua sempre a existir, mas o ponto maior continua nas apresentações, pois nelas que se vive a intenção e o objetivo de ser e fazer parte do coral, é ali que se vive a socição, os objetivos de entrar e querer fazer parte o coral, que, agora, ganham novos significados. Terminemos com algumas falas de Valquíria:

Então, por isso que eu não me sinto aliviada hoje em dia, falando sinceramente, quando acaba uma apresentação. Ai é a parte que eu estou te falando, eu fiquei muito enjoada, porque eu estou no coral o que? 5 anos. Então assim, eu quero que tudo saia perfeito, sabe. Porque se você errar a primeira vez, não, a minha primeira vez foi de boas, você errar a segunda, a terceira, mas se depois de tanto tempo você ainda errar, você não... você quer que as coisas sejam perfeitas. Então eu sou muito enjoada assim eu fico observando cada detalhe, cada erro nosso nas apresentações. (VALQUÍRIA, SOPRANO)

Depois de algum tempo, aumenta a preocupação com a qualidade das apresentações, com a perfeição, com o fazer correto. É uma imagem de esforço ocasionada pelo pertencimento, pelo querer o melhor para o grupo e para o público. Assim, o caráter de fazer parte do grupo, com o participar de mais semestrais, vai se solidificando.

Agora que terminamos a parte de análise do grupo, passemos a auto análise do pesquisador.

4.6- Um Nativo Científico a Campo: Notas Sobre Estar Afetado

Ah, como é bom escrever em primeira pessoa. Na verdade, é muito bom escrever sobre algo com o que nos identificamos. Bom, esta seção do capítulo destina-se a refletir sobre o meu pertencimento ao grupo estudado, ou seja, como foi o processo de Victor, tenor do Voix-là, entrevistando seus amigos, que se tornaram interlocutores, porém, nunca deixaram de ser amigos, eles nem eram nativos ou eu era nativo... quem era o que?

Será que vai dar certo fazer isso? Como fazer? Traçar um paralelo com a observação participante? Trabalhar com metáforas? Vamos lá! Traçarei a autoanálise por meio da descrição de como são os ensaios, ao mesmo tempo em que trago relatos de campo (de forma bem sutil) e pensamentos sobre meu pertencimento ao grupo e, também, apontando como se deu a ideia de pesquisa, as dificuldades e facilidades encontradas em campo.

O ensaio começa sempre às 12:30 horas, porém, existe uma preparação para chegar à casa 12 da Vila Giannetti e, de fato, ensaiar. Assim, almoçar primeiro, passar em casa para escovar os dentes, pegar a pasta, preparar a água e andar, muitas vezes debaixo do sol quente, esturricando, para encontrar o coral do lado de fora, ansioso para passar calor naquela minúscula sala repleta de nós. Foi desta forma que a ideia de pesquisa surgiu, passo a passo, processo bem devagar, durante seis meses, mais ou menos.

Chegamos, conversamos, esperamos e entramos. O contato com o orientador é da mesma forma, diálogo e conhecimento, afloramento da ideia. Até que, enfim, parece que vai começar. Não. Não tão rápido. Vamos para o aquecimento. 20 minutos, 30, depende do dia, da animação, do humor do regente, da sonoridade produzida, dos corpos sentados ou em pé, de nós mesmos colocando nossa voz na cabeça, entubando, apoiando nosso diafragma para a nota mais perfeita que pudermos realizar. A escrita do projeto é dessa mesma forma, leituras e mais leituras, um livro aqui e ali, pesquisas online, surgindo um parágrafo. As normas ABNT são o som, o encaixe perfeito da voz que, nós, mortais instrumentos, afinados pelo universo, somos capazes de emitir, tudo padronizado.

Terminado o projeto, perdão, o aquecimento, vamos para a pesquisa. Aí vem o tom, ou seja, o roteiro de entrevista, o ponto inicial da música e da coleta de dados, do nosso campo de atuação, entramos, portanto, em canto coral. Tenor, Contralto, Soprano, Baixo e lá vem o tempo, regente deu a entrada, música começa. Mas espera, um ajuste aqui, Tenor está correndo demais, a música não é tão rápida, intercalem a respiração de vocês, isso aqui é canto coral. Bem, a mesma coisa que um ajuste no roteiro já em campo, porque o nativo,

esse ser estranho que se conhece, diz para você, nativo científico, que esse ponto aqui é legal acrescentar.

E voltemos ao tom, ao tempo, e, Baixos, não está aparecendo a voz de vocês. E da mesma forma, será que o roteiro está bom? Eu estou conseguindo captar a voz dos meus interlocutores/nativos/amigos dessa sociedade/comunidade moderna universitária mas nem tanto? Será que eu estou falando demais e atrapalhando o ensaio? Fica quieto fulano, o quinta série, a gente precisa terminar essa música hoje. Que horas será que vai sair o que eu preciso ouvir? Eu preciso ouvir alguma coisa específica? Eu posso dar pitaco aqui nesse ponto, rapidinho, a música, a fala, vai ficar mais bonita... Sim. É nessa confusão que ficava a minha mente. Várias vozes, vários tons, notas intercaladas, tempos de pausa, música mais lenta, música mais rápida. Acabou a entrevista, amanhã tem outro ensaio.

Mas que prazer em levar um baita de um esporro do regente porque não ouvimos o MIDI¹⁵. A nossa técnica não está tão apurada, eu quero mais aquecimento e mais exercícios. E assim é com a escrita da monografia. Melhora isso aqui, acrescenta mais teoria, sua análise de dados precisa melhorar, eu pensava comigo. Ensaio vai, ensaio vem e vai chegando a semestral ou a escrita da monografia. E ainda não acabamos de passar essa música, ainda falta um capítulo. Olha, essa semana tem ensaio todo dia e o sábado também, vai ser lindo, vai sair perfeita a apresentação. Um pouquinho de esperança e esforço não matam ninguém.

Até aqui vimos que é um processo, já esperado, cotidiano e que vai se repetindo sempre e sempre. Às vezes mudamos de regente, de orientador, por diversos motivos que não tem nada a ver com a gente, mas continuamos ali, firmes, coral/pesquisa, pois temos uma peça para terminar. E, assim, tanto ensaio como monografia, têm uma função: ensinar. E, obviamente, existem facilidades e dificuldades durante esse processo.

A principal dificuldade foi ouvir mais do que falar durante as entrevistas, me conter para que as respostas fossem o mais pessoais possíveis e não tivessem tanto minha influência, porém, era importante dialogar para dar o sentido correto da pergunta e tonar a entrevista mais prazerosa. E uma grande dificuldade no canto coral, sempre lembrada

¹⁵ MIDI, no escopo do coral, basicamente, é um arquivo de áudio, com a leitura digital da partitura. Assim, cada nota presente na partitura, com seu respectivo tempo, são executados em aparelhos eletrônicos que leiam o formato do arquivo. Ele é usado para conhecermos a linha melódica dos naipes, assim, cada um tem sua linha melódica e precisa decorá-la para executar as músicas em canto coral.

durante os ensaios, é ouvir as outras vozes e os encaixes, ou seja, não é conflito, é junção, harmonia.

A facilidade, se é que ela existe, brincadeira, existe. E ela foi entender os exemplos das entrevistas, saber quem eram as pessoas citadas, entender as descrições sobre as músicas e os locais de apresentação. Era, também, nos momentos de coisas muito pessoais sobre a organização ou com relação a alguma crítica entender o ponto de vista colocado, porque a situação não era algo novo e que precisava de uma infinidade de perguntas para entender. A facilidade foi fazer parte do grupo.

Mas esse quesito facilidade e dificuldade é igual a rotina dos MIDI's. Ouvir o MIDI é muito bom, te ajuda a conhecer a música, porém, na hora do ensaio, por mais que você tenha ouvido, o esporro vem, pois se trata de um grupo. Assim, analisar a entrevista é perceber o grupo. As falas não se referem só às pessoas ou ao diálogo travado durante as entrevistas, e eu permeio as falas por fazer parte do grupo. Portanto, desvendar minha identidade foi muito difícil e muito fácil. Muito doloroso, pelo processo e esforço da pesquisa e o cansaço que eu me encontrava às vezes, e prazeroso por me ver no grupo e nas falas e saber que eu passei pelo processo de socialização como todos os outros coralistas. Assim, eu faço parte da sociabilidade do Voix-là e eu estudo, ao mesmo tempo, como ela acontece. E o mais incrível é poder refletir acerca disso e ver que é possível estudar um grupo do qual se faz parte e aprender a fazer pesquisa por meio disso.

Tem outra dificuldade que deixei para agora, pois com ela que vou poder traçar algo mais teórico, no sentido de dialogar com dois textos: Ser afetado, de Jeanne Favret-Saada (2005) e “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico, capítulo três de O Saber Local, de Clifford Geertz (2007).

Vejamos o que Geertz (2007) tem a dizer sobre a pesquisa etnográfica, ou seja, sobre o trabalho de campo, no meu caso, a observação participante. Para ele, “o que é importante é descobrir que diabos eles acham que estão fazendo” (GEERTZ, 2007, p. 89). O autor complementa:

Em um certo sentido, ninguém sabe isto tão bem quanto eles próprios; daí o desejo de nadar na corrente de suas experiências, e a ilusão posterior de que, de alguma forma, o fizemos. Em certo sentido, no entanto, esse truísmo simples é simplesmente falso. As pessoas usam conceitos de experiência-próxima espontaneamente, naturalmente, por assim dizer, coloquialmente; não reconhecem, a não ser de forma passageira e ocasional, que o que disseram envolve “conceitos”. Isto é exatamente o que a experiência próxima significa –

as ideias e as realidades que elas representam estão natural e indissolivelmente unidas. Que outro nome poderíamos dar a um hipopótamo? É claro que os deuses são poderosos, se não fossem, porque os temeríamos? A meu ver, o etnógrafo não percebe – principalmente não é capaz de perceber – aquilo que seus informantes percebem. O que ele percebe, e mesmo assim com bastante insegurança, é o “com que”, ou “por meios de que”, ou “através de que” (ou seja lá qual for a expressão) os outros percebem. Em país de cegos, que, por sinal, são mais observadores que parecem, quem tem um olho não é rei, é um espectador. (GEERTZ, 2007, p.89)

É no ponto de que o etnógrafo é bastante limitado que me interessa a reflexão do autor. Porque, por mais que eu seja limitado, e eu sei disso, eu sou parte do grupo e compartilho do que ele chama de experiência-próxima, ou seja, entendo o que ela significa. E torná-las em conceitos foi o que fiz na análise das entrevistas. Portanto, entendo que estudar o familiar, é se estudar, é adentrar no seu mundo e conceituá-lo. Obviamente, isso só é possível pela teoria e por já estar inserido dentro da discussão antropológica, projetando o conhecimento adquirido na vivência cotidiana, que foi o que discuti na introdução deste trabalho. Mas, para além disso, e agora recorro a Favret-Saada, eu já tinha sido afetado¹⁶ pelo grupo, por isso o conheço e já o estava observando desde quando entrei. Vejamos mais afundo como ela me ajuda a entender meu próprio trabalho e minhas concepções sobre a pesquisa antropológica.

A autora afirma em um momento do texto:

Como se vê, quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível. (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160)

Quando das entrevistas e da minha análise, não quis ser esse ser onipresente ou exercitar meu narcisismo, fazer as coisas do meu jeito, escrever em primeira pessoa e achar que apenas eu sou o grupo. Não. Longe disso. Tanto que enfrentei durante minha observação participante algo que ela enfrentou, a saber, a dificuldade do diário de campo. Eu estava vivendo a experiência e apreendendo ela do ponto de vista antropológico, mas na hora de escrever não podia encher meu caderno de campo de sentimentos e como eu me senti no ensaio aquele dia, pois reafirmo, o coral é um todo de pessoas. Logo vi que precisava de algumas poucas anotações feitas no celular mesmo, quando necessário,

¹⁶ O texto de Jeane Favret-Saada constitui uma reflexão sobre seu trabalho de campo, sobre uma etnografia realizada sobre bruxaria na Europa, mais especificamente no Bocage francês. Ela só consegue desenvolver sua pesquisa quando é “afetada” pela bruxaria e adentra o seu mundo como vivente desse mundo, sendo parte dos rituais e da bruxaria.

apenas para trazer alguma novidade ou algo que se vinha repetindo nos ensaios. Portanto, concordo com a autora quando ela afirma: “As operações de conhecimento acham-se estendidas no tempo e separadas umas das outras: no momento em que somos mais afetados, não podemos narrar a experiência; no momento em que a narramos não podemos compreendê-la. O tempo da análise virá mais tarde.” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160).

E esse tempo de análise foi escrever a monografia, ou seja, voltando à comparação com o ensaio, mas indo adiante, ao dia da apresentação e ao ensaio anterior a ela, foi juntar os pontos, as músicas, pensar a dinâmica de palco e finalizar o sentido que a apresentação terá, conjuntamente. Os pitacos de todos contam, as conversas contam, o viver aqueles momentos e refletir sobre eles nos momentos de análise contam. Por isso afirmo que a observação participante serviria muito às minhas conclusões quando falei do campo no capítulo sobre as questões metodológicas envolvidas na pesquisa. Assim, o que foi vivido no campo, em conjunto, sendo cada vez mais afetado pelo grupo, estará nas conclusões. E, claro, a observação serviu muito a este capítulo.

O instigante, e foi o que fiz na análise das entrevistas, é se deixar subsumido, mas ainda presente, pois apesar de ter sido afetado, dar lugar as falas de seus companheiros de grupo foi o que me pareceu mais sensato e o que poderia não deturpar o trabalho só de mim, das minhas interpretações. Não é aquele famoso dar voz ao nativo, é mais se ver no outro e no grupo e entender seu papel de igual a todos. Não é tanto, também, estranhar o familiar, mas conhecê-lo, aprofundar-se nele, ouvir o seu grupo. É o papel político do antropólogo em cena, não eu, mas todos.

5- Conclusões

O caminho que percorremos até aqui se deu, em grande parte, com base nas considerações de Geertz sobre a antropologia interpretativa. Para ele:

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 2012, p. 7)

Esta parte final do texto não deixa de ter esse caráter desbotado, ao mesmo tempo em que tem por objetivo fechar as reflexões empreendidas ao longo do trabalho. Tentemos dar sentido a esse manuscrito estranho, sabendo das falhas que incorremos cometer ao longo das discussões e, inclusive, agora.

O coral Voix-là surgiu inusitadamente em 2006 a partir de laços afetivos, amizades e rotinas, ou seja, pelas cenas da vida cotidiana. Tem sua função inicial na fonética do francês, no aprendizado da pronúncia corretas das palavras, e logo expande sua atuação para outras línguas e, sequentemente, torna-se coral do DLA e projeto de extensão. Temos, portanto, um processo de institucionalização. Porém, o coral não cumpre, exatamente, com as propostas descritas no projeto que foi submetido durante tal institucionalização. Não obstante a diversidade de ações apresentadas, as funções morais, físicas e sociais são cumpridas. Sua atuação não vai além das fronteiras da Universidade¹⁷, mas exerce função primordial para os coralistas. Apesar disso, destaca-se a função social da música e sua importância para o grupo e sua manutenção.

Depois da institucionalização, o coral passa por inúmeras transformações internas, trocas de regentes, de repertório, de coralistas, em sua organização interna e, conseqüentemente, nas noções de pertencimento e de identidade grupal. Sendo assim, temos a passagem da centralização das decisões para a abertura da participação do coro nessas decisões, principalmente quando assume o regente que é, também, aluno da UFV, em sucessão de mudanças implantadas pelo regente anterior. O período de 2013 para frente é o período que marca o início das mudanças mais significativas, sendo que de 2015 adiante essas transformações continuam, culminando com 2017, necessitando, ainda, de algumas modificações, segundo os interlocutores.

¹⁷ De fato, o coral participava, até 2017, de uma atividade específica fora da Universidade, o Festival Internacional de Corais (FIC), mas ele não se enquadra exatamente na funcionalidade do coral descrita no projeto.

A manutenção do grupo caminha no sentido de que:

O fato de estarem os indivíduos uns ao lado dos outros, conseqüentemente exteriores uns aos outros, não impede a unidade social de serem constituídos; a união espiritual dos homens triunfa sobre sua separação no espaço. Da mesma forma, a separação temporal das gerações não impede que sua seqüência forme, para nossa representação, um todo ininterrupto. (SIMMEL, 1983, p. 50)

Dessa maneira, a rotatividade existente no coral, diz muito sobre o pertencimento de seus membros e, ainda mais, sobre a permanência do grupo no tempo. A história do grupo carrega as transformações ocorridas desde 2006, passando pela institucionalização e pela mudança que começa em 2013 na organização interna. Por mais que não sejam os mesmo membros, eles deixam o seu legado, a própria existência do grupo e a responsabilidade de fazer parte dele.

Dentre os elementos para entender a identidade formada historicamente está o discurso. Ele é responsável pela passagem da história e elementos que constituem os pilares da identidade pela via oral, ou seja, os membros antigos, os regentes e o próprio público do coral têm um discurso sobre ele, assim, é esse discurso que é capaz de fazer alguém participar da seletiva e absorver os elementos necessários para ter identificação com o restante do coral. O discurso, porém, não é uniforme, de modo que está em constante mudança, apesar de manter alguns elementos importantes, resultado das percepções sobre o coral.

A identidade é construída a partir do tempo, das manifestações do discurso e da interação ocasionada pelos encontros formais do coral e dos informais também. Assim, ao adentrar no coral, a interação dos ensaios e o pré e pós ensaio começam a funcionar como articuladores do discurso através dos laços de confiança estabelecido entre os membros. Esse processo gera o sentimento de pertencimento e o discurso é recolhido e aprimorado pelos novos membros. Esse discurso fica cada vez mais sólido à medida que o membro permanece no coral e cria laços. O momento que culmina essa identidade e se percebe do que se tratava todo o processo de ensaio e cobrança é a apresentação semestral, em que os membros podem ver o público e serem reconhecidos como coral, não apenas pelos membros, mas pela identidade externa que o coral possui. A dinâmica de apresentação é fundamental para que os novos tomem confiança para com os membros antigos, assim o discurso de pertencimento pode ser efetivo.

As ações do coral como esporro, citado brevemente no ultimo capítulo das discussões, e a tomada de decisões têm um caráter de funcionamento da ação. O esporro, portanto, serve para que todos retomem seus objetivos em comum, o aprendizado das músicas para realizar com excelência a performance. O diálogo nesse sentido também produz a identidade de um coral bom e que se torna referência no meio acadêmico. Todo esse imagético permeia, portanto, o pensamento, a cognição, e o esquema de ação dos integrantes. Vale dizer que não só os líderes usam esse aparato, porém, os mais antigos no coral e os novos que são mais engajados também. Entende-se, dessa forma, que o coral só é possível pelas inovações, que surgem como ideias e são levadas a diante pelos membros. Elas acabam por frutificar e não só melhoram o grupo como o mantém vivo. Segundo Joas, ao tratar do interacionismo simbólico:

No modo específico segundo o qual a noção de “controle social” foi utilizada por esse grupo de pensadores, ela não aponta para uma garantia de conformidade social mas, antes, para uma auto-regulamentação consciente, para a ideia de autogoverno efetivada por intermédio da comunicação e entendida como a solução de problemas coletivos. (JOAS, 1999, p. 141).

O repertório e a sua forma de organização, bem como sua escolha são parte da identidade, no sentido de promover uma solidificação do estilo, ou seja, os tipos de música, a língua, a divisão de vozes e, inclusive, o cantar com ou sem partitura. No caso do Voix-là, o repertório está online, contendo partitura e MIDI's das vozes, o que auxilia o aprendizado por parte dos coralistas e é fator para que o coral, durante a performance, não use partitura e tenha experiência corporal de acordo com o detalhamento das características que formam a identidade e já foram preestabelecidas com as modificações ocorridas na organização do grupo. A importância do repertório fica latente quando o coral sai das músicas medievais e religiosas e começa a percorrer o caminho da diversidade cultural, sendo que, atualmente, a diversidade, não só musical, mas dos membros, é uma de suas marcas. Sendo assim, as dinâmicas das performances e as interações durante as apresentações têm papel importante, na medida em que as emoções estão sendo compartilhadas por todos e tem-se a ideia do grupo como algo coeso, realizando algo para o público. Aqui está presente, também, a ideia de realização.

Dessa forma, podemos pensar que os elementos cotidianos e hábitos criados e passados pelo discurso e pela formação usada formam parte da identidade visual do coral, dentre eles, a liberdade corporal, o não ser um coral quadrado, com formação padrão. Muito para além disso, existe a função do coral na vida dos membros. A importância da

atividade do canto, da aprendizagem musical e a noção de prazer que elas envolvem, o descanso de mente, a manutenção da sanidade do ambiente universitário permeia as representações sobre o grupo. O coral é o lugar de encontros pessoais, de amizades inusitadas se formarem e se manterem. Ao mesmo tempo, a responsabilidade para com o coral é explicada por essa função, para que todos possam vivenciá-la. Temos aqui o caráter social da música, mas não apenas isso, o caráter terapêutico e de companhia cotidiana.

Permanecendo nos aspectos da identidade, a linguagem propriamente musical e de coral, como o uso de palavras específicas, fica no imaginário e no roteiro de diálogo dos indivíduos. Palavras como naipe, coralistas, tempo, compasso, retornela, grave, agudo, peça, divisão de vozes, e tantas outras auxiliam que não seja esquecido o fazer parte do grupo, muito em parte por essa linguagem específica e que permite um diálogo maior com quem as entende, em detrimento de quem não está envolto nesse mundo musical. Portanto, aprender noções de música, ritmo, linguagem falada e corporal é tão importante ao grupo.

Ao perceber que o grupo é altamente diverso e bastante coeso fica a dúvida de como isso é possível, tendo como base que grupos heterogêneos não o são. Assim, tem-se que a diversidade do coral e o conhecimento por parte dos coralistas desse fato é que faz com que haja coesão. É a preocupação com o respeito, com a diferença, a preocupação de ser um só nas músicas e o saber que todos são diferentes, com cursos, idades, ideologias e orientações sexuais diferentes que dá a forma ao coral. O produzir homogeneidade e coesão pela diferença. Isto fica evidente na performance, a homogeneidade necessária nas músicas reflete no ideário de todos. Vejamos uma citação de Simmel sobre o que é a sociedade:

Pois bem, a sociedade só é possível como uma resultante das ações e reações dos indivíduos entre si, isto é, por suas interações. São processos psíquicos, intermentais, cujos suportes, como sujeitos da ação, são os indivíduos, as suas consciências, a totalidade da sua vida psíquica. (SIMMEL, 1983, p. 21)

Com relação à música, ela é o elo capaz de unir todos que fazem parte do coral, basta lembrar as falas sobre a importância dela na vida de cada interlocutor e como que o coral acabava representando esse lugar em suas vidas. Temos, agora, um caminho e um panorama mais geral do Voix-là e dos fragmentos de sua identidade. Começemos pelo conceito de sociação de Simmel, que já definimos como objetivos, vontades. Aqui, há a vontade de fazer parte do coral e do estar em contato com a música como sociação. Após entrar no coral, cada indivíduo começa a vivenciar e experienciar o grupo, o que definimos como socialização. Por fim, temos a sociabilidade, que, com base em Simmel, podemos

dizer que é a ligação emocional. Ela está presente no pertencimento ao grupo, no assumir a identidade de coral Voix-là e de participar dos momentos de interação. Assim, onde quer que o membro esteja ou com quem esteja, parte de sua identidade de indivíduo está ligada às sensações e memórias sobre o coral, portanto, nos processos psíquicos e na mentalidade no grupo, pois o coral não existe sem esses elementos.

6- Referenciais Teóricos

ALVES, C. F. A agência de Gell na antropologia da arte. **Horizontes Antropológicos**, v. 14, n. 29, p. 315-338, 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000100013&script=sci_arttext>. Acesso em: 01 out. 2017.

CAMBRIA, V. Música e alteridade. In _____ ARAUJO, S.; PAZ, G.; CAMBRIA, V. (Org.). **Musica em Debate: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

DAMATTA, R. O ofício do Etnólogo ou como ter “Antropological Blues”. In _____ NUNES, E. O. (Org.). **A aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado (Tradução de Paula Siqueira. **Cadernos de Campo**, n.13, 2005: 155-161. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>>. Acesso em: 05 Abr. 2017.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

_____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12, n. 29, p. 149-161, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.

HIKIJ, R. S. G. Etnografia da performance musical: identidade, alteridade e transformação. **Horizontes antropológicos**, v. 11, n. 24, p. 155-184, 2005.

JARDIM, A. Musicologia: a pesquisa e a criação. Sobre o que vem de longe. In ARAUJO, S.; PAZ, G.; CAMBRIA, V. (Org.). **Musica em Debate: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

JOAS, H. Interacionismo Simbólico. In GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.) **Teoria Social Hoje**. Tradução de Gilson César Cardoso. São Paulo: Editora UNESP. 1999.

LAGROU, E. M. Antropologia da arte: uma relação de amor e ódio. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 93-113, dez. 2003. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/15360>>. Acesso em: 02 out. 2017.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas. 2003.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciencias humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MACHADO, A. Z. D. A importância de uma antropologia da arte. **Antropológicas**, edição especial, 1998. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/1064/853>>. Acesso em: 7 out. 2017.

MALINOWSKI, B. Argonautas do pacífico ocidental. **São Paulo: Abril Cultural**, v. 2, 1978.

MALUF, J. C. G. et al. O Coral Cênico Cidadãos Cantantes: um espaço de encontro entre a música e a saúde. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 20, n. 3, p. 199-204, 2009.

NETTL, B. Antropologia da música/antropologia musical. In ARAUJO, S.; PAZ, G.; CAMBRIA, V. (Org.). **Musica em Debate**: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, Dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832014000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 set. 2017.

PINTO, T. O. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. **Revista de Antropologia**, v. 44, n. 1, p. 222-286, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0034-77012001000100007&script=sci_arttext>. Acesso em: 02 out. 2017.

SEEGER, A. Etnomusicologia/antropologia da música – Disciplinas distintas?. In _____ ARAUJO, S.; PAZ, G.; CAMBRIA, V. (Org.). **Musica em Debate**: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. Excurso sobre o problema: como é possível a sociedade? **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 653-672, Dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223838752013000600653&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 Abr. 2018.

VELHO, G. Observando o familiar. In _____ NUNES, E. O. (Org.). **A aventura Sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

Anexos

Roteiro de Entrevista: Coralistas

Nome:

Idade: Curso:

Tempo de Coral: Naípe:

- 1- Como você ficou sabendo do Voix-là?
- 2- Como era o Voix-là quando você entrou? (Para mais velhos e médios)
- 3- Como foi seu teste/audição de admissão?
- 4- Como eram as dinâmicas de ensaio? Onde vocês se apresentavam?
- 5- Você recebia bolsa? Ela era importante?
- 6- Como era organizado o coral? Como as decisões eram tomadas?
- 7- O que você tem a dizer sobre a organização interna atual do coral? Em relação a anterior, melhorou ou piorou?
- 8- Como você avalia a rotatividade do coral? Passa muita gente por ele, fica muita gente ou são sempre as mesmas pessoas indo e voltando?
- 9- Quanto às apresentações, como você se sente/sentiu durante elas?
- 10- Como você descreveria o coral, o que ele significa para você? O que te faz continuar nele?
- 11- Qual a especificidade do Voix-là? O que você mudaria no coral?
- 12- Como você descreveria a relação entre os coralistas, dentro e fora dos ensaios?
- 13- O que as pessoas comentam com você sobre o coral?
- 14- O que a música significa para você?
- 15- Você já pensou em deixar o Coral?
- 16- Quais dificuldades você enfrenta/va para estar no coral?

Roteiro específico para a Fundadora

Por que fundar um coral como o Voix-lá? Como foi o processo, conte a história inicial do coral, por favor. Se você tivesse a oportunidade voltaria a ser responsável pelo projeto? O que você espera que o coral se torne com o passar do tempo? O projeto cumpriu com os objetivos postos por você?

Entrevistas Realizadas:

Nome: Nadja Biondine Marriel **Data:** 07/03/2018

Idade: 28 anos **Curso:** Doutorado em Biologia Celular

Tempo de Coral: 2015/2 **Naipes:** Contralto 1 **Local:** Biblioteca Central

Nome: Guilherme Barreto Felix **Data:** 07/03/2018

Idade: 25 anos **Curso:** Engenharia de Agrimensura

Tempo de Coral: 2015/1 **Naipes:** Tenor 2 **Local:** Livraria da UFV

Nome: Priscila Viana da Rocha **Data:** 09/03/2018

Idade: 31 anos **Curso:**

Tempo de Coral: 2006; 2017/2 **Naipes:** Contralto 2 **Local:** Vila Giannetti, casa 12

Nome: Valquíria Joana Medina Pinheiro **Data:** 13/03/2018

Idade: 29 anos **Curso:** Mestrado em Biologia Molecular

Tempo de Coral: 2013/2 **Naipes:** Soprano 1 **Local:** Casa de Valquíria

Nome: Valkíria Müller Coelho **Data:** 16/03/2018

Idade: 23 anos **Curso:** Letras Português-Inglês

Tempo de Coral: 2016/1 **Naipes:** Soprano 2 **Local:** DLA

Nome: Filipe Carneiro Souza **Data:** 19/03/2018

Idade: 27 anos **Curso:** Mestrado em Agroquímica

Tempo de Coral: 2017/2 **Naípe:** Baixo 2 **Local:** DCS

Nome: Samuel Martins Hosken **Data:** 20/03/2018

Idade: 27 anos **Curso:** Doutorado em Botânica

Tempo de Coral: 2009/1 **Naípe:** Tenor 1 **Local:** Livraria da UFV

Nome: Aléxia Lara Souza Martins **Data:** 21/03/2018

Idade: 23 anos **Curso:** Engenharia Química

Tempo de Coral: 2013/1 **Naípe:** Contrato 2 **Local:** Livraria da UFV

Nome: Isabela Madella Frade **Data:** 22/03/2018

Idade: 23 anos **Curso:** Engenharia de Alimentos

Tempo de Coral: 2013/2 **Naípe:** Contrato 1 **Local:** Livraria da UFV

Nome: Thiago Carvalho do Carmo Guerra Peixe **Data:** 27/03/2018

Idade: 20 anos **Curso:** Engenharia Civil

Tempo de Coral: 2017/2 **Naípe:** Tenor 1 **Local:** Livraria da UFV

Projeto de Extensão:

1. Apresentação

O Coral Voix-Là iniciou suas atividades em 2006 com a proposta inicial de ser um instrumento de aprendizado de línguas estrangeiras através do canto. Ao longo de sua trajetória, o Coral se consolidou recebendo apoio do Centro de Ciências Humanas, **Pró-Reitoria de ...(a que dá as bolsas)** principalmente do Departamento de Letras e Artes juntamente com os Cursos de Extensão em Línguas.

O apoio tem sido importante para que o grupo realize além seu objetivo inicial (ensino de línguas através da música), a extensão universitária através da participação em eventos externos à Comunidade Universitária através de apresentações artístico-culturais que popularizam o canto coral (apresentação em escolas, eventos promovidos por prefeituras, Festival Internacional de Corais, dentre outros).

Porém sentimos a necessidade de realizar um trabalho de extensão de forma sistematizada, com a inclusão de concertos didáticos em escolas, creches, centros comunitários, e oficinas de canto coral, que levem a uma popularização e estímulo da formação de novos grupos musicais em nível local e regional. O Voix-Là conta com acervo de partituras, áudios e material didático a ser disponibilizado à medida que novos grupos musicais se formem. Além disto é vislumbrada a possibilidade de busca de apoio para realização de encontro de Corais que estimule a integração e o fortalecimento desta atividade artístico-cultural de baixo custo e grandes benefícios sociais.

2. Ação artística e cultural

Dentro de sua proposta de ação artística e cultural o Coral Voix-Là desenvolve atividades junto à comunidade acadêmica e mais timidamente junto à comunidade local. Porém o projeto nunca perdeu de vista a necessidade de se ampliar esta ação de forma sistemática e concisa, à comunidade local e regional. Atualmente o coral conta com 40 discentes de diversos cursos. Junto à estes, (2) promove o processo de formação extracurricular articulando arte e cultura, visando o enriquecimento da formação, dentro e fora da academia, através de uma vivência além das salas de aula e laboratórios. Da mesma forma o Coral aborda em suas canções de língua portuguesa, temas que envolvem

questões que despertam o interesse pela dimensão de uma formação cidadã, focada na inclusão social e no acesso aos direitos sociais (3) e que estimula a formação ética, estética e política dos estudantes e da comunidade que participa dos concertos (4). Podemos destacar canções como Banzo Maracatu, que aborda a questão da escravidão no Brasil que evoca seus desdobramentos na estrutura de nossa sociedade atual. Da mesma forma a música “Procissão” de Gilberto Gil que aborda a questão das políticas públicas para melhoria da qualidade de vida da população quando claramente diz: “(...) *muita gente se arvora a ser Deus, e promete tanta coisa pro sertão, que vai dar um vestido prá Maria, e promete um roçado para o João. Entra ano, sai ano e nada vem, meu serão continua ao Deus dará, mas se existe Jesus no firmamento, cá na terra isso tem que se acabar...*” e tantas outras canções como o “Canto do Pajé” de Heitor Villa-Lobos e “Três Cantos Nativos do Índios Kraô” que trata da questão indígena.

Além disto, o coral apresenta canções em vários idiomas (inglês, francês, hebraico, latim, italiano, dialetos africanos e indígenas, espanhol) e utilizará estas canções para despertar nos estudantes de escolas públicas o gosto e conscientizar sobre a necessidade do estudo de línguas estrangeiras em um mundo cada vez mais globalizado.

Entendemos o poder da música em tratar tantas questões que levam a uma transformação da mentalidade em vários aspectos tanto pessoais como políticos em uma comunidade. Assim através da música e do canto coral, uma atividade acessível e de baixo custo, pretende-se difundir uma formação ética, estética e política dos estudantes e também da comunidade local e regional. Assim são propostas ampliações das ações artísticas e culturais do Coral Voix-Là nas seguintes linhas:

1. As apresentações em Simpósios, Semanas Acadêmicas entre outros, serviram para o crescimento primário do Grupo e ainda mantém a preparação dos participantes em dia. É de suma importância para a comunidade acadêmica, juntamente aos visitantes, que exista um grupo disposto a agraciar eventos como tais.
2. Apresentações públicas: é de cunho do Coral Voix-Là fazer performances nas ruas de Viçosa, como o Calçadão por exemplo, que tem elevado fluxo de pessoas e que adorariam vislumbrar uma apresentação pública e as fazendo de surpresa.
3. Ainda com grande importância, o Coral pretende e irá estimular Orientadores e Diretores de Escolas Públicas/Estaduais a iniciarem projetos semelhantes ao Coral Voix-

Là, e ainda, prestar assistência a esses novos grupos com disponibilidade de acervo musical, ensinamentos básicos da técnica de canto coral, visitas e acompanhamento desses grupos nascentes.

4. A preocupação com as Comunidades vizinhas, juntamente com a cidade de Viçosa, também é considerada nas pautas do Coral. Há grande pretensão de formador de assistência, auxílio e exemplo para grupos mais excluídos e que necessitam de assistência artística e cultural para serem diferenciadores na formação da capacidade de tornar-se seres humanos mais prósperos

3. Justificativa

A música através do canto coral é um poderoso instrumento de socialização, formação artística, estética, cultural e política, já que através da música várias são as mensagens e questões abordadas.

O Coral Voix-Là já é um grupo consolidado e vem contando com apoio de vários setores dentro e fora da Universidade. É de grande importância que o trabalho do Grupo tenha continuidade, pois auxilia na missão da extensão universitária. Os recursos destinados a esse projeto irão permitir que o grupo amplie seu trabalho de extensão e difusão do canto coral junto à comunidade local, que apresenta, sobretudo nas escolas de educação básica, um grande potencial para o trabalho com canto coral. Neste contexto, o Canto Coral como fundamentação básica na educação musical, constitui uma atividade que disciplina e socializa. Esta desperta uma série de benefícios, tais como:

- Benefícios físicos: estímulo do raciocínio; favorecimento no aprendizado de línguas, bem como, desenvolvimento dos pulmões; flexibilidade dos órgãos de fonação; aperfeiçoamento do sentido auditivo.
- Benefícios morais: estímulo da formação do caráter e da disciplina do indivíduo, além de contribuir para sua desinibição nas apresentações em público; desenvolvimento do seu senso estético-crítico;
- Benefícios sociais: favorecimento da convivência em grupo, a criação de um senso crítico que contribui com a formação ética, estética e política tanto dos estudantes como das comunidades envolvidas.

Além disso, o Coral irá levar através de concertos didáticos, para a comunidade local e regional, incentivos cultural, de modos que, jovens, adultos e idosos que entrem em contato com a música de forma mais acessível, tenham satisfação, bem estar e prazer ao se relacionarem musicalmente e, conseqüentemente, crie oportunidades para novos projetos em Escolas, Lares, Creches, Grupos Comunitários e até mesmo em Grupos Religiosos.

4. Fundamentação teórica

Segundo a definição do Fórum de Pró-Reitores de Extensão (apud Nogueira, 2000), “a extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico, que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a sociedade e a universidade”. De acordo com estas diretrizes este Projeto oferece um oportunidade para prática de Extensão da forma preconizada, pois seu caráter é envolvente e pode inclusive gerar espaço para pesquisas futuras.

A música é um fator muito importante na vida do individuo. Todos ouvem, apreciam, compartilham e é difícil encontrar alguém que não se relacione com a música de alguma forma, seja escutando, cantando, dançando, tocando um instrumento, em diferentes momentos e por diversas razões (Brito, 2003). A música é uma linguagem expressiva sendo veículo de emoções e sentimentos, uma linguagem comum a todos os seres humanos e assume diversos papéis na sociedade, como função de prazer estético, expressão musical, diversão, socialização e comunicação (Rosa 1990; Romanelli, 2009). Paz (2000) nos mostra que todos os indivíduos são capazes de aprender os ensinamentos da música, pois sendo capazes de emitir sons para falar, pode emití-los também para cantar; assim como tem ouvidos para escutar palavras e sons, também os terão para a música. Tudo é uma questão de educação e método. E quanto mais cedo a criança e adolescente tem contato com a música, melhor para o seu desenvolvimento cognitivo. Ademais estas atividades musicais coletivas têm favorecido o desenvolvimento da socialização, estimulando a compreensão, a participação e a cooperação.

O canto coral, por exemplo, configura-se como uma prática musical exercida e difundida nas mais diferentes culturas. Sendo um instrumento de integração e inclusão social, o coro é um espaço que envolve diversos níveis, tanto no que tange às relações interpessoais quanto às de ensino-aprendizagem. (Amato, 2007).

A prática do canto coral propicia também uma forma de apropriação de uma nova postura, um olhar reflexivo diferenciado possibilitando uma reinvenção do cotidiano. Assim sendo, enquanto prática social, e atividade educativo-musical, o canto coral é estudado por alguns autores que enfatizam os benefícios desta atividade para o desenvolvimento de seus integrantes nas dimensões pessoal, interpessoal e comunitária (Mathias, 1986; Grosso, 2004; Andrade, 2003). Estes pesquisadores confirmam a hipótese de que a atividade coral é uma trama rica de possibilidades formadoras de humanização e socialização.

Não há registros históricos que confirmam a origem da prática de Canto Coral, mas algumas descobertas históricas mostram que um dos mais antigos registros se encontra na Caverna de Cogul, na Espanha, e data no período Neolítico. Esse achado mostra que as manifestações de cantos e danças em grupo existiam há séculos atrás.

A Arte de canto coral teve uma crescente na Grécia antiga quando havia formações de teatros, os conhecidos Teatros Gregos, e apresentações. Em sequência, observa-se outra forte corrente de canto coral em rituais religiosos a partir dos anos 1000.

A Manifestação através do canto influenciou e ainda influencia várias culturas, países como a Letônia ainda mantém a tradição de apresentações de Corais em Eventos Oficiais do Governo. Alguns outros países mantêm grupos financiados publicamente ou de forma privada para serem formadores de Cultura e Arte e auxiliares na formação de cidadania.

No Brasil, há fortes indícios de iniciativas públicas como em Universidades, Departamentos, Escolas, Grupos diretamente ligados ao governo como a Polícia Militar entre outros.

5. Objetivos

Objetivo Geral

Consolidar as atividades de extensão do Coral Voix-Là junto à comunidade local e regional através da música estimulando o senso crítico em relação à questões sociais, culturais, estéticas e lingüísticas e estimulando a criação de novos grupos musicais nestas comunidades.

Objetivos específicos

1 – Incentivar o aprendizado das línguas estrangeiras bem como o gosto pela manifestação artística através da música;

2 - Difundir o canto coral pelo aprimoramento técnico-musical;

3 - Integrar alunos, professores e funcionários do campus com a comunidade em geral efetivando seu caráter de extensão;

4 – Difundir a cultura do canto coral na Universidade e na comunidade local e regional

5 – Promover aprimoramento musical funcional dos participantes para uma melhor ascensão intelectual.

6 – Conectar Universidade-Cidade por intermédio de concertos didáticos e oficinas de canto coral

7 – Disponibilizar gratuitamente o acervo musical contido em ensaios e apresentações do Coral juntamente com áudios em formato de MIDIS para execução de outros Coros.

8 – Prestar assistência como: Oficinas e concertos didáticos abertos ao público para que possam entender o funcionamento do Coral e trabalho de técnica de canto juntamente com preparação para o repertório na finalidade de servir de exemplo.

9 – Dar monitoria e base para o Canto em outros grupos que estejam em fase de desenvolvimento.

6. Metodologia

Para efetivação do projeto, serão realizados dois momentos importantes:

1º) A Universidade, através do Coral Voix-Là, vai até a comunidade (primeiro semestre de desenvolvimento do Projeto, concertos mensais)

a) Serão realizados concertos didáticos com o intuito de aproximar o público do universo da música de concerto e do canto coral. Os concertos didáticos do Coral terão por objetivo principal a formação de platéia e a aproximação do público infante-juvenil com a música coral. Nos encontros serão apresentados os diversos tipos vocais e sua função no coral,

breves exemplos do desenvolvimento da música vocal, além de contextualização histórica sobre os compositores e a mensagem da música.

2º) A comunidade vem até a Universidade (segundo semestre de desenvolvimento do Projeto, oficinas mensais)

b) Serão oferecidas aos interessados, oficinas de musicalização básica para o Canto Coral, com objetivo de incentivar a formação de novos grupos musicais: ocorrerão na Casa 12 da Vila Gianetti, local onde atualmente funciona o Coral Voix-Là e que conta com toda estrutura necessária: piano, quadro pautado, partituras, cadeiras, material de escritório, dentre outros. Serão oferecidas noções básicas de leitura e escrita musical, percepção musical e ritmo, e prática de cânones e peças simples para grupos iniciantes. No âmbito das oficinas serão disponibilizados aos participantes páginas da internet (previamente pesquisadas e selecionadas) para uma formação continuada. Existem páginas na web que disponibilizam vídeos, materiais didáticos e apostilas.

Para realização destes momentos, as seguintes ações serão desenvolvidas:

1. Levantamento junto à Secretaria Municipal de Educação do número de escolas municipais acessíveis ao desenvolvimento do Projeto.
2. Contato com os dirigentes das escolas para apresentação do Projeto
3. Construção da agenda de concertos didáticos
4. Construção da agenda de oficinas de Canto Coral e musicalização básica para o canto coral
5. Busca de parceria com a Prefeitura para que seja viabilizado o transporte até a Escola, quando houver necessidade, para realização dos concertos didáticos.